

UNQUIET



QUÊNIA • OMÃ • SUÉCIA

O C6 BANK INICIA UM NOVO CAPÍTULO NA HISTÓRIA DOS BANCOS BRASILEIROS

O JPMorgan Chase, uma companhia líder em serviços financeiros em nível global, se tornou nosso sócio.

C6 Bank, um banco com credibilidade, segurança, experiência, tecnologia e o que o mundo financeiro tem de melhor.

Tudo que o banco da sua vida tem de ter.

Bem-vindo, JPMorgan Chase.

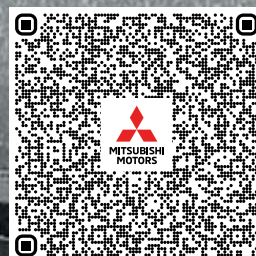
C6 BANK + JPMORGAN
CHASE & CO.

JUTTA KLEINSCHMIDT

SOU *IN*QUIETA POR DESA FIOS

© MITSUBISHI MOTORS

Tech and Soul



Assista ao filme
baseado em uma
história real.

pajero40anos.com.br

4 you 4 history

JUNTOS SALVAMOS VIDAS



A inquietude nos leva a diversos desafios. O desafio de enfrentar a estrada que não se conhece. De encontrar pessoas que nunca vimos. De pisar nos terrenos mais inóspitos que se tem notícia. O desafio de nunca parar. De ir na contramão do que muitos dizem. De ignorar quem chama de teimosia essa determinação. Foi assim que Jutta Kleinschmidt fez história. A bordo do seu Mitsubishi, usou o seu talento e acelerou. Venceu o rally mais desafiador do mundo. A primeira e até hoje única mulher que chegou lá. Inspiração para a geração de ontem, de hoje e de amanhã. Inspiração para você.

**Explore o mundo
e encare os desafios
com o seu Mitsubishi.**

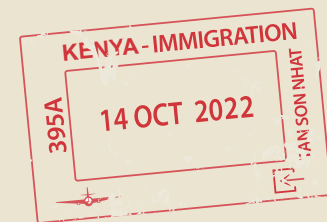


Drive your Ambition

Sumário

- 016 **360°** – Experiências gastronômicas e hospedagens exclusivas pelo mundo
- 030 **Check-in** – Os melhores *gadgets* para cair no mundo
- 036 **Biblioteca** – Narrativas de viagem que fogem do lugar-comum
- 040 **Sustentabilidade** – Projeto Cabocla: em Goiás, o bordado que transforma
- 044 **Brasil** – No centro do Brasil, a Chapada dos Veadeiros resplandece no Cerrado
- 058 **Cultura** – Entre desertos, praias e souqs, a história milenar do sultanato de Omã
- 070 **Arte** – A arte da hospitalidade no Treehotel, na Lapônia sueca
- 082 **Esporte** – Costa Rica, um dos melhores destinos do mundo para a prática do rafting
- 092 **Bem-estar** – O Woodside Canyon Ranch, na Califórnia, reinventa o *wellness*
- 098 **Proudly** – Em Sevilha, a noite é agitada e conta com uma animadíssima cena LGBTQIA+
- 102 **Ensaio** – Carol da Riva e a arte de contar histórias simples através das lentes
- 110 **Gastronomia** – Os sabores do Piemonte no novo Casa della Capra
- 120 **Aventura** – Quênia *on the road*: 15 dias de carro pelo país africano
- 138 **Entrevista** – Britta e Kent Lindvall, o casal idealizador do sustentável Treehotel
- 144 **Crônica** – Rosana Hermann e o desejo de viver nos destinos de viagem
- 146 **Inspiradores** – Richard F. Burton, um dos maiores exploradores da história

JORNADAS ✈️ UNQUIET



**Temos uma novidade para você que,
assim como nós, tem o espírito inquieto.**

Vamos desenhar itinerários únicos pelos destinos mais surpreendentes do mundo, para pequenos grupos de viajantes.

Nossas viagens serão conduzidas por especialistas preparados para compartilhar experiências inesquecíveis, em roteiros inesperados e cheios de descobertas.

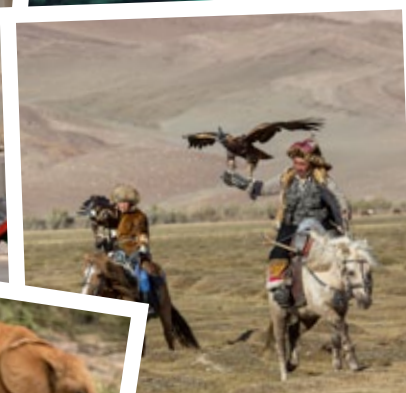
Que tal viajar com a gente?

Saiba mais em revistaunquiet.com.br



@REVISTAUNQUIET

Stay alive. Be UNQUIET.



Consulte seu agente de viagens.

“O mundo é um livro e quem não viaja lê apenas a primeira página.”

- Santo Agostinho

PATROCINADORES



C6BANK



GETTY

UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

DIRETOR EDITORIAL

Fernando Paiva

DIRETOR EXECUTIVO

André Cheron

CONSULTOR

Erik Sadao

DIRETOR COMERCIAL

Ricardo Battistini

DIRETOR DE ARTE

Ken Tanaka

EDITOR DE ARTE

Raphael Alves

GERENTE DE MARKETING E CONTEÚDO DIGITAL

Carolina Sagesser Rodrigues

COORDENADORA DIGITAL

Patrícia Poli

PRODUTORA DE CONTEÚDO DIGITAL

Marjorie Luz

PROJETO GRÁFICO

Ken Tanaka e Raphael Alves

GERENTES DE CONTAS E NOVOS NEGÓCIOS

Fabiano Fernandes, Mirian Pujol e Ney Ayres

COLABORARAM NESTE NÚMERO

Texto: André Fischer, Carlos Marcondes, Carolina Sagesser, Daniel Japiassu, Erik Sadao, Juliana A. Saad, Marcello Borges, Nana Wagner, Otávio Marques da Costa, Rosana Hermann, Ruy Tone e WALTERSON SARDENBERG S^o

Editora Convidada: Luciana Lancellotti

Fotos: André Dib, Carol da Riva, Ion David e Tuca Reinés

Ilustração: Antônio Tavares e Rimon Guimarães

Revisão: Rosele Penz

CAPA

Tuca Reinés

CUSTOM EDITORA LTDA.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista

São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

ASSINATURAS revistaunquiet.com.br/assine

revistaunquiet.com.br

@revistaunquiet

/revistaunquiet

revista unquiet

/revistaunquiet

@revistaunquiet



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Para preparar esta primeira edição de 2022, a equipe da UNQUIET começou o ano cheia de energia, movida pela dupla comemoração no fim de 2021: nosso primeiro aniversário e a conquista do Prêmio BLTA de Jornalismo e Conteúdo. A reportagem do nosso colaborador Zeca Camargo, *Salvador*, publicada na edição 02, venceu como melhor matéria do ano em revista impressa, o que nos encheu de alegria e de orgulho.

Tão especial como ganhar esse prêmio foi a primeira viagem que fiz ao Quênia após dois anos do início da pandemia. Nessa jornada de 15 dias de carro pelo país com minha filha, Carolina, e amigos queridos, pude descobrir um outro lado de um destino que amo tanto. Uma imersão em paisagens de tirar o fôlego, conhecendo pessoas de sorriso largo e trajes multicoloridos. Revi amigos e me senti novamente voltando para casa.

Nas próximas páginas, você vai viajar conosco para a Costa Rica e conhecer um dos principais destinos no mundo para a prática do rafting. Também vai se encantar com o novo Woodside Canyon Ranch, hotel-spa que vem reinventando o conceito de *wellness* na Califórnia. De lá, vamos levar você para Sevilha, com sua vida noturna agitada e uma animadíssima cena LGBTQIA+, com brindes à base de Manzanilla e *tapas* da melhor qualidade.

Na Itália, nos hospedamos no Casa della Capra, hotel intimista com atividades que unem ciclismo pelas belas paisagens da região, arte e a deliciosa gastronomia, já que estamos no Piemonte, terra do Barolo e das cobiçadas trufas brancas. Descobrimos e estivemos também na Lapônia sueca, no descoladíssimo Treehotel, que, com suas iniciativas sustentáveis – algumas inéditas –, mudou a rotina da pequena cidade de Harads. Já no Oriente Médio, o destaque é o sultanato de Omã, uma joia em estado bruto, com sua cultura milenar e finais de dia inesquecíveis no deserto. Imagens tão apaixonantes quanto as fotos clicadas por Carol da Riva, na seção *Ensaio*, que revelam a essência da vida em comunidades pela Ásia.

E nosso destino mais que especial no Brasil são as paisagens da Chapada dos Veadeiros, lugar a ser explorado em caminhadas e esportes radicais rodeados por um sem-número de cachoeiras. Foi também no estado de Goiás que conhecemos o Projeto Cabocla, que muda vidas de presidiários por meio de bordados com poemas de Cora Coralina, o que nos faz refletir sobre um dos lemas da poetisa: recriar sempre.

Que esses destinos inspirem seus sonhos de viagens, que, como a gente, trazem na alma o espírito UNQUIET.

Stay alive. Be UNQUIET.



Tuca Reinés

CORINNA SAGESSER
PUBLISHER



Na página ao lado, vista da Serra da Mantiqueira. Acima, a L200 Triton Sport, lounge do hotel Six Senses Botanique, a Pedra do Baú e um dos pratos do restaurante Dois Rios



O MELHOR DE CAMPOS DO JORDÃO

*Dicas para aproveitar a cidade paulista da Serra da Mantiqueira.
Em especial, dirigindo o seu Mitsubishi*

Se a palavra da moda é reinventar, mire-se em Campos do Jordão. Até 1930, sua receita vinha de pacientes com graves enfermidades respiratórias. Eles subiam aos 1.628 metros de altitude da cidade, na Serra da Mantiqueira, para se tratar nas montanhas. Com o advento da penicilina, os sanatórios foram dando lugar a chalés ao estilo normando ou suíço. Era a vez de Campos se reinventar como destino turístico de inverno.

Já nos anos 1940, foram inaugurados dois hotéis de porte: o Grande Hotel e o Toriba. O primeiro esteve fechado por mais de duas décadas. Reabriu

em 1982. Seu pé-direito alto e o mobiliário *art déco* ainda são um charme. Já o Toriba jamais fechou. Manteve os belos afrescos de Fulvio Pennacchi no restaurante que leva hoje o nome do pintor, bem como o chá da tarde. Soube se antecipar à segunda reinvenção de Campos do Jordão.

A cidade, de 52 mil moradores, deixou de ser destino exclusivo de inverno. Passou a ser procurada o ano todo. Sintoma dessa conquista é a cervejaria Baden Baden. Ela veio se juntar a atrações como a Geleia dos Monges e as salsichas do Harry Pisek. De quebra, Campos ganhou outra cervejaria artesanal,

a Gård. A expansão também se deu na gastronomia. O restaurante Dois Rios, por exemplo, pratica cozinha portuguesa de primeira. Já o Pontremoli insere-se na culinária italiana, enquanto o Empório dos Mellos faz uma releitura da cozinha caipira.

Também a oferta hoteleira cresceu. O Six Senses Botanique, a 12 quilômetros do centro, com ousada arquitetura, oferece 11 *villas*, espaçosas e luxuosas. Ainda maiores são as casas do Matueté Villas.

Entre os passeios, uma dica é subir ao Pico do Itapeva, de 2.025 metros. De cima, divisam-se até 15 cidades do Vale do Paraíba. Outra visita memorável é ouvir as irmãs beneditinas entoando cantos gregorianos. Sempre às 17h45, na capela do Mosteiro de São João. Vai bem, ainda, uma ida ao Museu Felícia Leirner. As esculturas dessa polonesa radicada no Brasil estão dispostas em um jardim. Já o Palácio Boa Vista, desde 1964 residência de inverno dos governadores paulistas, tem no acervo obras de Di Cavalcanti,

Portinari e outros grandes pintores brasileiros.

Nem todo mundo sabe, mas o nome do município se deve ao fato de que, no século 19, a região era, em sua maioria, propriedade rural do brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão. Parte da mata original é conservada no Parque Estadual Campos do Jordão, mais conhecido por Horto Florestal. Programa similar, o Parque Amantikir foi inaugurado em 2007. Passeios mais recentes incluem o Zoom Bike Park (com 18 trilhas para bicicletas) e o Tarundu (com pista de patinação no gelo a passeios a cavalo, entre outras diversões).

Para quem aprecia os caminhos *off-road*, há ótimos roteiros, como o caminho para o Vale da Água Santa e para o Pico do Imbirí. Ou até a Pedra do Baú, em São Bento do Sapucaí. São sugestões do projeto MIT Drivelines, que transforma os veículos 4x4 da Mitsubishi em uma companhia de viagens de primeira classe. 📍

mitdrivelines.com.br

Colaboradores



O paulistano **Tuca Reinés** é formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU e enxerga o mundo através das lentes de suas câmeras fotográficas desde a década de 1970. Seu trabalho como fotógrafo é internacionalmente reconhecido por meio de veículos globais como *Metropolitan Home*, *ELLE*, *Architectural Digest*, *Wallpaper* e *Wired*, além de diversos livros publicados. São dele as fotos da capa e da reportagem *Quênia on the Road*.



Após rodar a Islândia em um carro adaptado para pernoitar, **Carolina Sagesser** embarcou em uma nova aventura, também *on the road*, desta vez no Quênia, capa desta edição. Formada em Comunicação Social, trocou as agências de publicidade pelo universo UNQUIET: é ela quem cuida da área digital e das redes sociais da revista. Com mais de 30 países carimbados no passaporte, Carol já coleciona destinos visitados a convite da revista e aguarda os próximos.



Com obras em mais de 25 países, **Rimón Guimarães** é um multiartista que desenvolve trabalhos nos campos das artes visuais e cênicas, música, moda, muralismo e tudo o que se encontra à disposição para que ele expresse e possa tornar sua arte difundida pelo mundo. Criador inquieto que integra urbanismo, acessibilidade e mídias contemporâneas, é o autor da ilustração da crônica *A Alegria de Voltar para Casa*, nesta edição.



Aos 19 anos, **Carol da Riva** comprou sua primeira câmera e imediatamente caiu na estrada em busca de novos horizontes. Hoje, aos 44, vive em Bali e, do ponto de vista antropológico, escreve sobre o estilo de vida e as tradições de antigas comunidades, assinando trabalhos para publicações internacionais como *National Geographic*. Nesta edição, Carol apresenta o ensaio com fotos em diferentes países asiáticos, como Indonésia, Camboja, Tailândia e Mianmar.



Para nossa sorte, ela trocou as Ciências Exatas – é bacharel em Física e pós-graduada em Física Nuclear pela USP – pela Comunicação. Escritora, roteirista e coapresentadora do programa de viagens *Porta Afora*, com Fábio Porchat, **Rosana Hermann** também é autora de séries e programas de humor como *Sai de Baixo* e *Vai que Cola*. Hoje trabalha com Miguel Falabella em séries de *streaming* e ama viajar – na maior parte das vezes, para os mesmos destinos, como ela gosta.



Engenheiro e administrador formado pela USP, **Ruy Tone** é o filho mais velho da segunda geração brasileira de uma família japonesa que chegou ao país nas embarcações seguintes ao Kasato Maru. Descobriu o prazer de viajar ainda adolescente e, para organizar as próprias aventuras, fundou a Mundus, laboratório de viagens experimentais para destinos não comerciais, como o Paquistão e Omã. Sobre esse último, ele escreveu uma reportagem que você confere na página 58.



Publisher da Companhia das Letras, uma das editoras mais prestigiadas do país, **Otávio Marques da Costa** é paulistano, formado em Direito e em História pela USP. Como editor de texto, colaborou para a Cosac Naify e foi responsável pelo selo de quadrinhos na própria Companhia das Letras, onde ocupou várias outras funções até ser promovido a editor-chefe e, finalmente, a publisher. São dele as edições recentes de obras de autores como Freud, Nietzsche, Caio Prado Jr. e Fernando Moraes.



Fotógrafo desde 2002, **André Dib** se especializou em fotografia documental e participou de expedições pelo mundo, registrando fauna, flora e o modo de vida de povos e comunidades tradicionais. Produziu conteúdo para veículos como *National Geographic Brasil*, *The Guardian*, *Explore*, *O Globo* e *Folha de S.Paulo*, e ganhou prêmios nacionais e internacionais. Nesta edição da UNQUIET, suas fotos ilustram a reportagem *No Centro do Brasil*, sobre a Chapada dos Veadeiros.

Um banco completo,
criado para os nossos dias,
com tudo em **um só app**.



C6Carbon

Com o Mastercard®Black você pode solicitar até 6 cartões adicionais sem custo, dá 2,5 pontos por dólar no saldo do titular, acesso a salas VIP em aeroportos do mundo inteiro e muito mais

*Conta***Global**

Conta em dólar e euro para comprar no exterior com tarifas mais baixas em lojas físicas e on-line

c6yellow

A primeira conta do seu filho. Transferências via Pix, recebimento de mesadas e você pode acompanhar as transações do cartão via SMS

Baixe o app e abra agora
sua conta no C6 Bank.

C6BANK |  **mastercard**

360º

Apreciar arte na Europa ou um vinho na Califórnia, eis a questão. Ou, quem sabe, partir para um safári na Índia ou simplesmente adormecer em um luau na Bahia. Confira essas e outras sugestões incríveis para cair no mundo sem arrependimentos

POR MARCELLO BORGES



SONG SAA

O Song Saa Private Island é uma propriedade particular instalada na ilha de mesmo nome, no arquipélago Koh Rong do Camboja. Reúne 24 villas de vários tamanhos, todas com piscina própria, tendo como regra o pé na areia para aproveitar a quietude local. A culinária cambojana pode ser saboreada no Vista Bar and Restaurant, ao lado da piscina ou nas próprias villas. As atividades envolvem mergulho nas ilhas, passeio de caiaque, yoga matinal e cerimônias budistas, entre outras. As crianças vão se divertir nos safáris de exploração no ecossistema da região. O Song Saa faz a seleção local dos ingredientes usados nos restaurantes e utiliza madeira reciclada de barcos de pesca e de troncos caídos para suas construções e seu mobiliário. Além disso, a Fundação Song Saa participa de diversas iniciativas para desenvolvimento das comunidades locais e preservação da fauna e da flora das ilhas.

songsaa-privateisland.com





SIX SENSES FORT BARWARA

A marca Six Senses, muito focada em sustentabilidade, é instalada num forte do século 14 – antiga propriedade de uma família real – o Fort Barwara oferece 48 suítes de tamanhos variados, decoradas no estilo da região. Um de seus atrativos é o GEM, “criador de experiências para o hóspede”, um mordomo que providencia o que for preciso para tornar a estada perfeita. O spa e centro de fitness com personal trainer garantem a forma após experiências gastronômicas nos seus restaurantes e bares, com pratos locais e internacionais. O safári no Parque Nacional Ranthambore permite conhecer as trilhas do tigre-de-bengala nos antigos campos de caça dos marajás de Jaipur. Para a garotada, atrações *indoor* e *outdoor* no programa Grow With Six Senses e filmes com a família no Cinema Paradiso, ao ar livre. O hotel trabalha com a comunidade local para recuperar seu lago sagrado e as florestas da área, e procura reduzir a pegada de carbono das atividades do resort e do spa. sixsenses.com



FOTOS DIVULGAÇÃO, NOVA ESTUDIO E EMIR PENA



CASA MARAMBAIA

A Casa Marambaia tem oito suítes instaladas num casarão que foi sede da fazenda homônima, com área total de 250 hectares espalhados pela região serrana do Rio de Janeiro. O projeto do arquiteto Wladimir Alves de Souza data dos anos 1940 e o paisagismo de Burle Marx remete à década seguinte. Muitos dos móveis são originais da casa e foram restaurados, ajudando a preservar o estilo da época. A vista para os jardins e o cenário da Serra dos Órgãos ao fundo são dois bons motivos para conhecer a Marambaia. A gastronomia é o terceiro: três chefs premiados concentram-se em receitas clássicas, elaboradas com produtos orgânicos da própria fazenda. Para os apreciadores, a adega bem equipada oferece degustações de vinhos. O hóspede que não quer perder a forma encontra academia, quadras de tênis, trilhas, bicicletas, yoga e piscina, além de massagem nos fins de semana. As reservas podem ser feitas pelo Circuito Elegante, no site circuitoelegante.com.br





FOTOS DIVULGAÇÃO E SIMON MENGES



FOUR SEASONS RESORT AND RESIDENCES NAPA VALLEY

Napa Valley é uma das mais importantes regiões produtoras de vinhos dos Estados Unidos e, por isso, um dos destinos mais procurados por enófilos que queiram visitar suas vinícolas para degustações e compras. Foi lá que se instalou o Four Seasons Resort and Residences Napa Valley, com quartos de hóspedes e *villas* residenciais. Um de seus diferenciais é a possibilidade de acompanhar a produção do vinho “da uva à taça”, como diz o gerente geral Mehdi Eftekari. O hotel tem sala de degustação e uma loja que conta com um charmoso bistrô francês. Além disso, o hóspede encontra o spa Talisa, centro de fitness, trilhas para caminhadas e pedaladas (com ou sem guias) e outras experiências. A garotada é bem-vinda, com diversas atividades monitoradas. Como parte de seu programa de sustentabilidade, o Four Seasons cuida da preservação dos centenários carvalhos da propriedade.

fourseasons.com



MKM MUSEUM KÜPPERSMÜHLE

Construído em 1860 como um moinho industrial, foi transformado em museu em 1999 para abrigar a coleção de Hans Grothe. Nesse mesmo ano, teve início a renovação do prédio, comandada pelos arquitetos suíços Herzog & de Meuron, gerando um espaço para exposições de 3.600 metros quadrados – o mesmo escritório ampliou o museu em outros 2.500 metros quadrados entre 2013 e 2021. O MKM apresenta arte alemã e europeia do pós-guerra e exibe obras da coleção do casal Sylvia (bisneta do fundador da Wella) e Ulrich Ströher, que reuniram mais de 1.500 itens. Além disso, há uma exposição de cerca de 60 fotografias abrangendo quatro décadas de trabalhos de Andreas Gursky, inclusive novas impressões em grande formato. No acervo permanente, quadros de Francis Bacon, Jasper Johns, Roy Lichtenstein e outros. A partir de Dusseldorf, Duisburg fica a 30 minutos de carro.

museum-kueppersmuehle.de





FOTOS DIVULGAÇÃO



HAUSER & WIRTH

Fundada em Zurique por Iwan e Manuela Wirth e Ursula Hauser em 1992, a Hauser & Wirth é uma galeria de arte moderna e contemporânea, com filiais em Londres, Nova York, Los Angeles, Hong Kong, Mônaco e outras localidades. Em julho de 2021, eles inauguraram um novo espaço na Illa del Rei, em Menorca, no Mediterrâneo. Com trabalhos de mais de 70 artistas, situa-se em um prédio que abrigou o hospital naval da ilha no século 18, reformado agora para conter oito galerias, num total de 1.500 metros quadrados de exposições. Do lado de fora, uma trilha exhibe esculturas de Chillida, Miró e Franz West, entre outros. O centro de arte Hauser & Wirth trabalha em parceria com o Fundo de Preservação de Menorca, tomando medidas como coleta de água pluvial e controle de climatização com eficiência energética para seus ambientes. A entrada é livre, mas eventuais doações dos visitantes são distribuídas entre instituições de caridade parceiras.

hauserwirth.com



VENTOS MORERÉ HOTEL & BEACH CLUB

O Ventos situa-se na Praia de Moreré, região reconhecida pela Unesco como Reserva da Biosfera e Patrimônio da Humanidade, condição respeitada pelo hotel. Seus bangalôs – renovados em 2021 – e a casa com acesso direto à praia contam com painéis solares e poço artesiano. Pets são bem-vindos e acomodados enquanto os hóspedes praticam mergulho (com tanque ou snorkel), desfrutam de caiaques, *kitesurf* ou *stand-up paddle* ou apreciam a gastronomia local com ingredientes sazonais da horta orgânica. Aliás, um dos principais atrativos dessa simpática propriedade é o luau à luz de velas na praia. Para momentos mais introspectivos, o Ventos oferece aulas de yoga e serviço de praia com sombreros e espreguiçadeiras. Para não perder a forma, conte com o time de personal trainers. Não deixe de caminhar pela região para conhecer a Velha Boipeba, fundada por jesuítas em 1563, ou a própria vila de Moreré.

ventosmorere.com





Muito além da música

POR LALAI PERSSON

Em 2016, desembarquei no meio de um deserto na África do Sul para a minha primeira aventura em um festival transformativo. O AfrikaBurn – que acontece no último fim de semana de abril, por sete dias, em uma fazenda do Karoo – estava na lista havia algum tempo e, além de um provável perrengue, eu não sabia o que esperar.

Sabia que seriam sete dias encarando água e comida racionadas, e energia elétrica, só com gerador. No meu caso, a luz foi provida por luminárias à bateria. E o banho gelado era permitido em dias alternados. Internet, só se fosse via rádio. Ou seja, um detox forçado do celular, num lugar em que tudo é “instagramável”, mas recarregar o smartphone não é possível.

Na mala, figurinos dignos de um personagem do *Mad Max*. Meditação, aula de yoga, *workshops*, arte, música e – para quem abraça o festival por completo – trabalho voluntário são parte do dia a dia. Limpei banheiros (ecológicos), fui guarda nas queimas das instalações artísticas e assistente dos

shows de magia oferecidos pelo meu camping.

No AfrikaBurn nada é vendido, com exceção do gelo. O evento é regido pela gift economy. Tudo o que você consome é levado por você ou trocado e/ou recebido como presente de outros participantes. Esse é um dos pontos comuns entre a maioria dos festivais transformativos que acontecem pelo mundo.

Criado pelo canadense Jeet-Kei Leung no TEDxVancouver, o termo “festival transformativo” (ou “transformacional”) define esse notável fenômeno cultural, com o Burning Man como referência máxima. O festival norte-americano tem dez princípios que guiam a maioria dos festivais similares, como o *Lightning in a Bottle*, o *Symbiosis Gathering*, o *BaliSpirit*, o *Envision* dentre outros.

Os festivais transformativos são considerados um movimento de contracultura. Entramos em um espaço limiar, onde as regras de ordem social não se aplicam e todas as idades são bem-vindas. Não há espectadores. Tudo é cocriado pelos participantes em uma base organizacional autorregulável, sem

Festivais transformativos pelo mundo, AfrikaBurn na África do Sul e Burning Man nos Estados Unidos



FOTOS CREATIVE COMMONS, UNSPLASH E DUNCAN



a hierarquia típica dos festivais convencionais.

A celebração da comunidade, da liberdade de expressão e da conexão humana por meio de rituais, música, dança, arte, yoga, oficinas, palestras, entre outras atividades, proporciona aprendizados capazes de mudar a forma como vemos e lidamos com o mundo.

Sustentabilidade, consumo consciente e espiritualidade regem a alma dos eventos, que acontecem em lugares remotos e imersos na natureza, onde zonas autônomas temporárias são construídas. Não é comum ter patrocinadores, criando um novo modelo de negócio baseado em financiamento coletivo.

Enquanto até os anos 1990 os festivais levavam milhares de pessoas para passar dias assistindo a shows, os anos 2000 remodelaram o conceito, colocando a experiência em primeiro lugar. A música passou a ser apenas a cereja do bolo. Paralelamente, surgiam os festivais transformativos, que, aos poucos, foram se replicando pelo mundo.

Esse tipo de experiência ganhou ainda mais força com a atual pandemia. Se antes já conquistava um público ansioso em dilemas existenciais, os festivais passaram a atrair pessoas que buscam a cura para os traumas vividos nesses últimos dois anos, como uma luz de esperança. O aprendizado sobre a finitude do tempo, ou sobre igualdade e individualidade, além da prática de ações coletivas, são valiosas lições. O objetivo principal é inspirar os participantes a promover mudanças no mundo na volta para casa.

Minha experiência no AfrikaBurn foi tão intensa e transformadora, que no ano seguinte estava lá de volta, ainda mais imersa na programação, levando comigo dez amigos a tiracolo. Como disse um deles quando voltamos: “*Naquele microcosmo longínquo, sem as interferências da política, da economia, da moral e dos bons costumes, a raça humana é capaz de coisas incríveis, que só vivendo dá para ver. Viver em uma realidade tão alternativa, tão fora do que estamos acostumados, nos faz voltar com os pés mais firmes no chão e os olhos mais abertos. Recomendo sem moderação.*”

TODOS OS EMPREENDIMENTOS JHSF REAL ESTATE, REUNIDOS NA PALMA DA SUA MÃO.

CONHEÇA O JHSF REAL ESTATE,
UM APP DESENVOLVIDO ESPECIALMENTE
PARA DAR A VOCÊ UMA VISÃO REAL
E COMPLETA DOS EMPREENDIMENTOS,
IMÓVEIS E REVENDAS JHSF.
COM ELE, É POSSÍVEL ACESSAR
CADA DETALHE DE CADA PRODUTO:
CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA,
PLANTAS, LOCALIZAÇÃO, E ATÉ
MESMO RESERVAR SEU IMÓVEL.

JHSF

BAIXE O APP
JHSF REAL ESTATE



ESCANEIE E
BAIXE O APP





NOVO BMW iX. SEM LIMITES.

DESCUBRA A MOBILIDADE
INTELIGENTE E SUSTENTÁVEL.



ACESSE OS CANAIS DIGITAIS
DA BMW E SAIBA MAIS.



Juntos salvamos vidas.

CHECK-IN

On the way

*Faça suas malas e se abasteça com nossas dicas de gadgets
para ganhar o mundo*

POR DANIEL JAPIASSU



NA RUA, NA CHUVA, NA FAZENDA

Ter uma picape como a Mitsubishi L200 Triton permite explorar – com muito conforto e tecnologia – lugares aonde a maioria dos outros veículos não chega. Além de atributos como motor a diesel, tração 4x4, câmbio de seis marchas, sistema multimídia JBL e acabamento impecável, acessórios como barracas que se encaixam perfeitamente na caçamba do veículo oferecem a possibilidade de passar uma noite inteira sob a luz das estrelas em lugares bucólicos, isolados, em meio às paisagens mais lindas do Brasil. Uma série de opções de barracas e outros acessórios podem ser encontrados na rede de concessionárias Mitsubishi espalhadas por todo o país. Para outras informações, acesse: mitsubishimotors.com.br





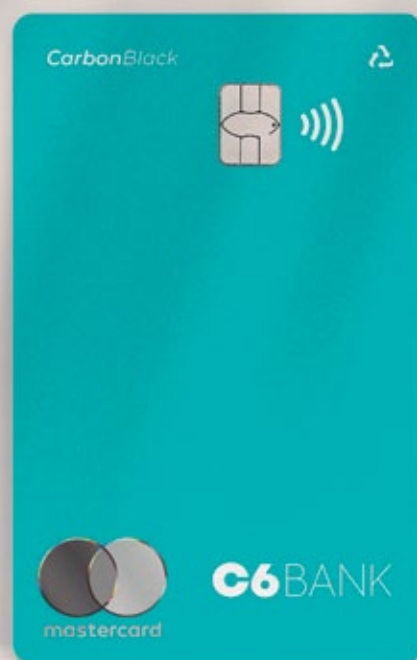
TUDO AO ALCANCE DO CELULAR

Ah, Bluetooth, eu te amo! A partir de agora, o célebre “cadê minhas chaves” faz parte do passado. O Tile Mate Essential é um jogo de etiquetas de diversos tamanhos com tecnologia sem fio. Cada uma pode ser colada em um objeto (chaves, carteiras, óculos, passaporte, malas etc.), que se torna rastreável por meio de um aplicativo de celular. Perdeu um item etiquetado? Basta acessar o app, que ele diz exatamente onde ele está. Legal, não? Só não vale perder o smartphone... thetileapp.com



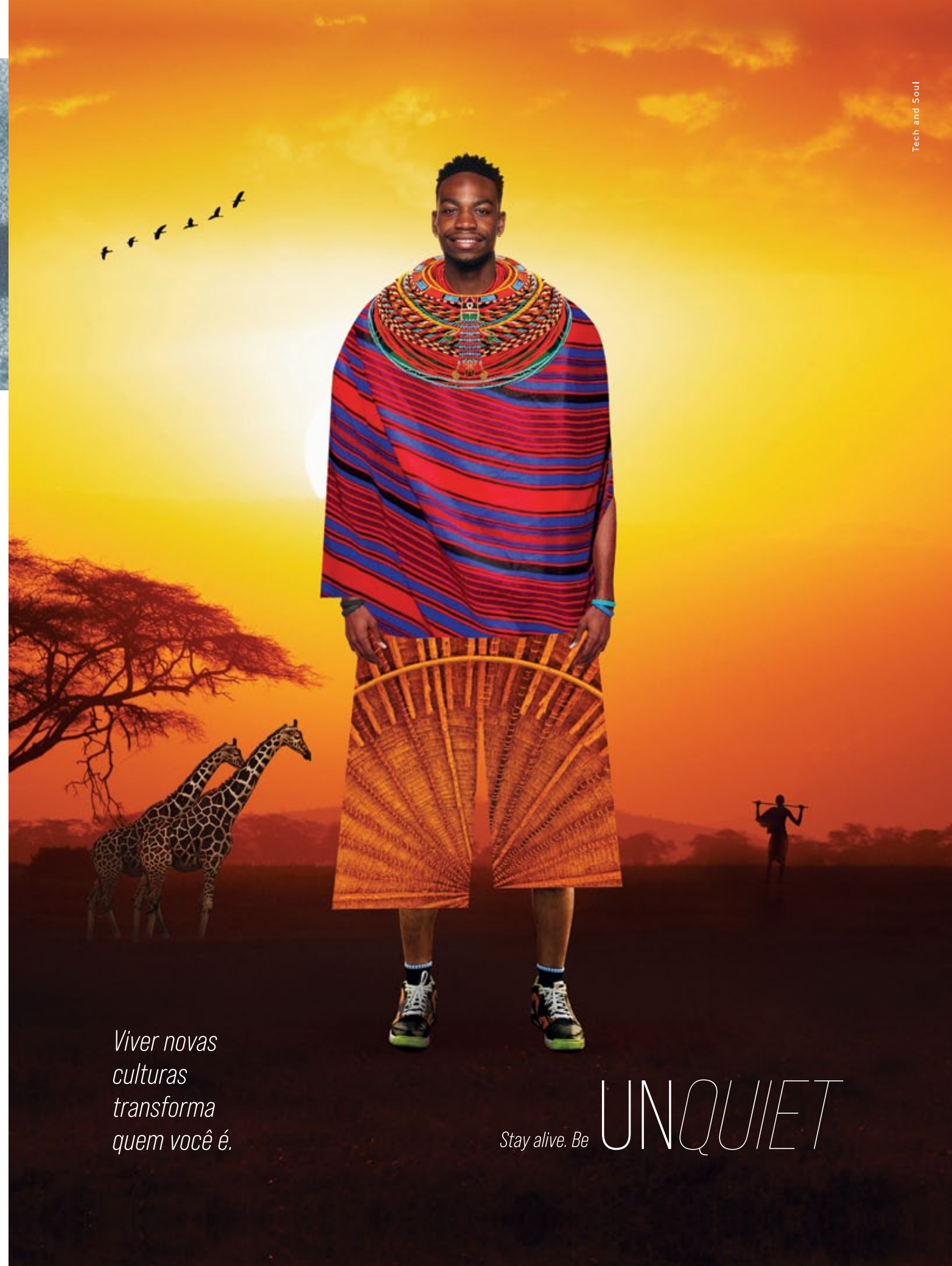
COMPANHEIRO PÉ NA ESTRADA

Ele tem (quase) tudo que os poderosos iPhone e Galaxy têm, mas a um custo menor – o que pode ser uma bênção quando o viajante é do tipo mais radical e o celular acaba correndo riscos extras de avarias. O OnePlus 9 é um dos mais avançados smartphones e sai de fábrica com tela de alta definição, 128 GB de HD, até 12 GB de memória RAM, chip Snapdragon de última geração e uma câmera com 48 MP, capaz de tirar fotos ultra-amplos, perfeitas para paisagens. Ah, também já vem pronto para o 5G. oneplus.com



BOM, BONITO E ECOLÓGICO

Diferentemente dos cartões de crédito convencionais, produzidos com plásticos derivados de petróleo – que levam mais de 400 anos para se decompor –, o novo Acqua, do C6 Bank, é fabricado com materiais biodegradáveis. Um deles é o ácido polilático (PLA), desenvolvido a partir de amido de milho, que reduz o período completo de decomposição do cartão para entre seis meses e dois anos. As vantagens oferecidas são as mesmas dos outros cartões do banco digital, como o acúmulo de pontos que não expiram e que podem ser trocados por milhares de produtos na C6 Store, loja que fica dentro do app do C6 Bank. Além disso, usuários engajados podem optar por doar os pontos para ações de preservação das florestas na Amazônia, em parceria com a plataforma ambiental Carbonext. c6bank.com.br/c6acqua



*Viver novas
culturas
transforma
quem você é.*

Stay alive. Be **UNQUIET**



FOTOS MICHEL DENOUSSE E TORSTEN DICKMANN

Um paraíso para todos

*Seychelles é um destino sustentável e que atrai casais, famílias e crianças.
Tem o melhor da gastronomia e uma natureza sem igual*

Seychelles é um arquipélago de 115 ilhas no Oceano Índico. Trata-se de um destino com um pouco de tudo: praia de areia platina-da, mar turquesa, clima tropical o ano todo, gastronomia internacional e esportes de aventura. Tudo isso em um lugar com metade de sua área sob proteção ambiental. Não por acaso, atrai casais para viagens a dois ou para a celebração do casamento. Também famílias com crianças podem curtir atrações que encantam viajantes de todas as idades.

Vale destacar o Atol de Aldabra, Patrimônio Mundial da Unesco com 2.500 quilômetros quadrados de área protegida. É um santuário de grandes populações de tartarugas-verdes e tem corais de 125 mil anos de existência. Além disso, é um dos lugares mais procurados para mergulhos (com cilindro ou snorkel).

Para um passeio em família, Seychelles é completa. A ilha de La Digue, por exemplo, é um dos lugares mais cativantes do arquipélago. Lá é possível interagir com as tartarugas gigantes – um sucesso entre as crianças. Além disso, pais e filhos podem praticar atividades como windsurf e canoagem.

Uma boa novidade para 2022 é a experiência gastronômica na Reserva Natural de Cap Lazare (oferecida pela operadora local Creole Travel Services), na Ilha Mahé. Os visitantes poderão aprender a preparar pratos típicos da culinária creole, como *puchero* com salsa de chili (tem uma pimenta que é conhecida como “fogo infernal” – melhor ir com calma). Outro prato famoso é *la daube*, feito de fruta-pão, banana, inhame e mandioca. A experiência também inclui visita ao mercado Sir Selwyn Clarke acompanhando o



Em sentido horário, Praia de Anse Source d'Argent, crianças com tartaruga gigante em La Digue e casal de noivos em Anse Source d'Argent. Na página ao lado, nascer do sol na Praia Petite Anse Beach



Muito procurada para casamentos, Seychelles foi eleita o destino mais romântico de 2021

chef na compra dos ingredientes. O serviço será restrito a duas pessoas ou uma família por dia.

Para casais, o destino tem experiências para todos os gostos. Podem fazer passeios de helicóptero sobre as ilhas – das particulares até as maiores. Os aventureiros têm a opção de alugar um carro para uma *road trip* em Mahé, a maior ilha. No final do dia, os apaixonados podem fazer um jantar à luz de velas à beira-mar. Uma boa pedida é o hotel Story Seychelles, na praia Beau Vallon, também em Mahé.

Aliás, Seychelles foi eleita pelo World Travel Awards como o destino mais romântico de 2021. Também é um dos mais reconhecidos para lua de mel no Oceano Índico. Se for para casar, que seja em Seychelles. 📍

seychelles.com

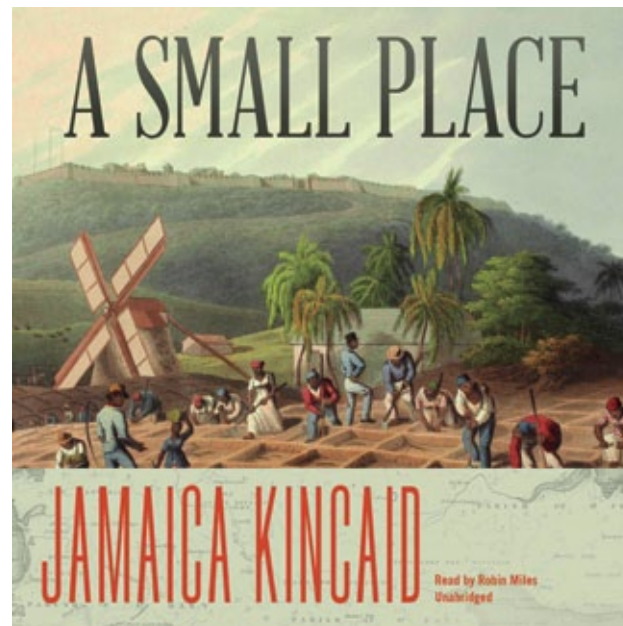
LUGARES INCOMUNS

Cinco narrativas de viagem (ou quase isso) que inspiram – mas também incomodam e fazem rir

POR OTÁVIO MARQUES DA COSTA

A SMALL PLACE (1988), JAMAICA KINCAID

As narrativas de viagem têm, entre alguns de seus expoentes, escritores (em geral homens) ligados direta ou indiretamente ao projeto colonial. *A Small Place*, da romancista e ensaísta (além de jardineira amadora) caribenha Jamaica Kincaid, desafia o gênero, ao denunciar o neocolonialismo da indústria do turismo e seus impactos na Antígua natal da autora. Dirigido ao viajante dos grandes centros, que chega à ilha para “fugir” da realidade, o ensaio mostra que, por trás da paisagem paradisíaca, há vidas humanas sem qualquer possibilidade de fuga. Trata assim da grande contradição do turismo contemporâneo: mesmo quando bem-intencionado, o turista apenas “arranha” a superfície e conhece um cenário oco, deixando em seu rastro, ao partir, a brutalidade da história (no caso de Kincaid, a herança colonial e as persistências da escravidão). Uma leitura provocadora e sem respostas prontas.



NA PIOR EM PARIS E LONDRES (1933), GEORGE ORWELL

Apesar do título, este, a rigor, não é um livro de viagens, mas um relato do período de dureza (algo voluntário) e ralação em cozinhas escaldantes daquele que viria a ser um dos maiores escritores do século 20, autor de *A Revolução dos Bichos* e *1984*. Ocorre que é tão deliciosamente um antilivro de viagens, no sentido glamoroso do gênero (ou das capitais europeias em que se passa), que merece a menção. A fome, a privação, a sujeira ou a experiência da pobreza extrema são aqui os protagonistas da pena ácida, irônica e bem-humorada deste Orwell de vinte e tantos anos, que pela primeira vez publicava um livro com o pseudônimo que o consagraria.



Como dormir nas nuvens

Classe Executiva Dreams

Com assentos que se transformam em confortáveis camas seu voo de longa distância vai passar em um piscar de olhos. Sonhe nas nuvens em nossa Classe Executiva Dreams

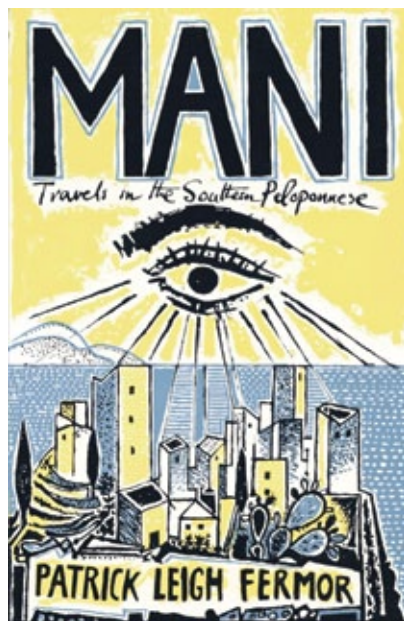
Conectando você a mais de 65 destinos nas Américas através do Panamá. Reserve sua próxima viagem em copa.com ou entre em contato com seu agente de viagem.

CopaAirlines
A STAR ALLIANCE MEMBER



A OUTRA FACE DA LUA (2012), CLAUDE LÉVI-STRAUSS

O antropólogo francês, na abertura de seu livro de memórias sobre seus anos no Brasil (*Tristes Trópicos*), famosamente disse detestar as viagens e os viajantes. Mas à sua revelia, escreveu brilhantes livros de viagem (a começar por *Tristes Trópicos*, que não deixa de sê-lo). Embora tenha estado no Japão já septuagenário (voltaria ali mais quatro vezes), Lévi-Strauss sentiu-se sempre profundamente próximo da cultura nipônica, desde que, ainda garoto, passou a colecionar ukiyo-e – as estampas de artistas populares como Hiroshige ou Hokusai, que retratavam paisagens e a vida cotidiana, e haviam se tornado febre entre os artistas impressionistas na França do século 19. *A Outra Face da Lua* reúne escritos e conferências sobre o Japão, que revelam a paixão do autor pelo arquipélago (e vão de pesquisas etnográficas em Okinawa às ruas apinhadas de Tóquio), mas também sua arguta capacidade de observação do outro, como nas notas precisas sobre a relação aparentemente paradoxal da cultura japonesa com a natureza.



MANI: TRAVELS IN THE SOUTHERN PELOPONNESE (1958) PATRICK LEIGH FERMOR

Ao lado de Bruce Chatwin (que não gostava do epíteto), Patrick Leigh Fermor é, muitas vezes, apontado como o maior escritor de prosa de viagens do século 20. Já descrito por um crítico como um misto de Indiana Jones, James Bond e Graham Greene, escolheu, depois de uma vida venturosa, uma então remota aldeia à beira-mar no sul do Peloponeso (Kardamili) para se estabelecer – aviso aos viajantes: hoje é possível hospedar-se em sua casa. Perto dali, fica o Mani, uma zona montanhosa que, nos anos 1950, Leigh Fermor percorreu a pé ao lado da mulher, Joan, e de seu amigo, o jornalista e, como ele, ex-veterano da Segunda Guerra, Xan Fielding. As viagens se deram antes que as estradas cortassem aquelas paragens, das mais isoladas da Europa, espremidas entre o Mar Egeu e o Monte Taígeto. É um dos últimos relances, antes do turismo de massa, sobre uma região europeia quase que intocada pela vida moderna, onde o passado distante era algo vivo no presente. Um mundo que já se desfazia.



NA PATAGÔNIA (1977), BRUCE CHATWIN

O lugar – a paisagem remota, vasta e castigada pelo vento – apenas se entrevê neste livro, habitado por aventureiros e desterrados (de imigrantes gauleses a um Butch Cassidy em fuga) que, em circunstâncias extremas, buscaram o extremo sul da América do Sul para um recomeço. Censurado por privilegiar uma perspectiva quase que exclusivamente europeia acerca da ocupação humana do lugar, Chatwin fez desse *travelog*, no entanto, um dos clássicos incontornáveis do gênero, por construir um arco narrativo inusitado a partir do fluxo inconstante de seus interesses e descobertas. 📍

CASTELO SAINT ANDREWS

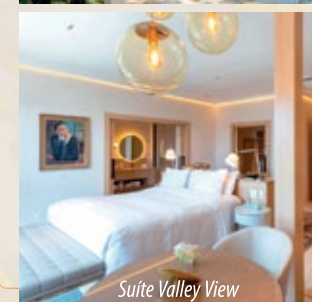
ÚNICO EXCLUSIVE HOUSE DO BRASIL

Localizado na encantadora cidade turística de Gramado-RS, o Castelo Saint Andrews é referência na hotelaria de alto padrão na América Latina e membro Relais & Châteaux de hotéis de luxo. Possui 3 tipos de acomodações: 11 suítes exclusivas no Castelo, 8 no Mountain e a Mountain House com 3 suítes.

Para hospedagens de 2 a 7 noites incluímos: Traslado privativo (aeroporto/hotel/aeroporto – Porto Alegre ou Canela – voos regulares e privados), welcome drink na chegada, serviços de mordomos e concierges, café da manhã completo com horário livre, chá da tarde inglês², jantar menu Surprise do Chef e jantar harmonizado, noite de pizzas gourmet¹, terapia relaxante². Visitas: Vinícola Jolimont com degustação², Cristais de Gramado, Geo Museu e Vale dos Vinhedos (passeio opcional).

Programação completa vide site. (¹ somente 4 e 7 noites / ² somente 7 noites)

Nossa hospitalidade e comodidade de sempre com todos os protocolos oficiais.



Mountain House Residência Exclusiva

Conforto, tranquilidade e comodidade, totalmente mobiliada e equipada. Localizada dentro do complexo hoteleiro Saint Andrews, em condomínio exclusivo.

A Mountain House possui 3 suítes. A Suite Master Valley View - Casal (95m²) com maravilhosa vista para o Vale do Quilombo, e duas suítes Loft. (Vide site)

EXPERIÊNCIAS INCRÍVEIS COM OS MELHORES VINHOS DO MUNDO

ABRIL

- 02 - Especial Vinhos Chilenos
- 09 - Festival Saveurs de France
- 15 - Páscoa com Brunello Di Montalcino (Feriado)
- 21 - Festival Vinhos Rosé (Feriado)
- 30 - Fondue Experience

MAIO - Uma programação muito especial. Vide site!

JUNHO - MÊS DOS NAMORADOS

O mês mais romântico do ano, tem experiências especiais para aproveitar a dois.



RESERVAS E INFORMAÇÕES: (54) 3295-7700 / 99957-4220
saintandrews.com.br OU SEU AGENTE DE VIAGENS





FOTOS REPRODUÇÃO

“Recria a tua vida, sempre, sempre”

Um dos trechos mais conhecidos da obra de Cora Coralina traduz, hoje, o ideal de um projeto de reinserção social para presidiários, desenvolvido com bordados na cidade natal da poetisa

POR WALTERSON SARDENBERG S^o

A cidade de Goiás é uma graça. Não estivesse distante 300 quilômetros de Brasília, motivaria um turismo bem menos acanhado. Fundada pelos bandeirantes no século 18, guarda um adorável casario em ruas de pedra, guindado a Patrimônio Histórico pela Unesco em 2001. Pacata, com menos de 25 mil moradores, foi a primeira capital do estado homônimo até 1935 e mantém diversos charmes, de igrejas a museus, incluindo a casa da poetisa Cora Coralina (1889-1985), dona de lírica visão do cotidiano. Pertinho dali, na Rua Moretti Foggia, número 13, desponta outra atração: a loja Cabocla.

“Está instalada na antiga casa da Mestra Silvina, a única professora que Cora Coralina teve”, lembra Milena Curado, a proprietária. Não é esse, no entanto, o principal atrativo da Cabocla. Suas roupas, bordadas à mão com minúcias, são o ponto forte da loja. Em especial quando se sabe como são feitas: cada peça é

fruto do trabalho de presidiários da Unidade Prisional da Cidade de Goiás, a cadeia pública local.

“O Projeto Cabocla - Bordando Cidadania tem várias funções: ocupa o tempo ocioso dos detentos, ensina uma atividade, diminui a pena e, claro, remunera”, explica Milena, autora da ideia. “É um dia a menos de detenção para cada três dias trabalhados.”

O projeto teve início em 2008. Um ano antes, Milena, que é formada em gestão pública, estava insatisfeita, trabalhando em um cartório de registros de imóveis. “Sempre fui ligada às artes e estava frustradíssima naquela função burocrática”, resume. Deu-se a luz quando viu a avó Wanda, sua vizinha, bordando com capricho. “Minha mãe havia aprendido a ocupação com ela, e eu também”, relembra. “Decidi abrir uma loja de roupas desenhadas por mim e bordadas por nós três.” Deu certo. Tanto que a demanda se tornou maior que a capacidade de produção. Seria preciso recorrer à mão de obra exterior.



Na cidade de Cora Coralina (abaixo), o projeto Bordando Cidadania ensina uma ocupação a cerca de 400 detentos e ex-detentos. Acima, as almofadas bordadas por Braga. E Milena com um dos vestidos bordados (ao lado)



Milena lembrou-se de uma moça que trabalhava em um projeto social com presidiários em Goiânia. Foi procurá-la. Pouco depois, ficou sabendo que havia um presídio na própria cidade. Acabou juntando as informações e iniciando o Projeto Cabocla - Bordando Cidadania. Claro que foi aconselhada a desistir da solução. Entre outros empecilhos, diziam, os presidiários eram não só perigosos, como incapazes de assumir compromissos. Milena resolveu encarar - e teve a melhor das surpresas. “Jamais passei por qualquer constrangimento nas minhas idas e vindas ao presídio para levar fios e tecidos”, diz. “Os detentos que aderiram ao projeto não só são comprometidos como bastante caprichosos nos bordados. Tudo funciona muito bem”.

Iniciado há 13 anos, o Bordando Cidadania jamais sofreu interrupções. Milena calcula que ao menos 400 detentos e ex-detentos participaram da iniciativa. Diversos deles, já em liberdade, passaram a trabalhar com bordados ou similares, sem reincidência criminal. “Muitos só queriam um braço estendido, uma chance de se reintegrar”, diz a autora do projeto.

É o caso de Denis Carlos Braga, 43 anos. Ele cumpria a condenação a cinco anos e três meses de detenção por tráfico de drogas, quando começou a bordar para o projeto. Foi motivado pela redução da pena. De fato, em virtude dos bordados, deixou o presídio um ano e três meses antes do prazo. Mas não é só isso. “A cabeça fica ocupada no bordado e isso ajudou muito”, diz. “Além disso, consegui dinheiro para deixar com minha esposa e ainda para pagar as despesas dentro da cadeia, com sabonete, pasta de dentes e outras coisas do dia a dia.”

Terminado o cumprimento da pena, Braga bordou almofadas com a mulher para vender. Há dois anos conseguiu um emprego no fórum. “Faço serviços gerais. Quem me indicou foi a dona Milena”, conta. Braga considera-se reintegrado à sociedade, embora sofra na pele o preconceito contra ex-presidiários. “Muita gente continua me olhando torto”, queixa-se.

Evidentemente, um projeto como o Bordando Cidadania, sozinho, está longe de resolver os problemas da população carcerária e da reinserção na sociedade de ex-detentos. Mas Milena Curado se orgulha de ter inspirado outras iniciativas. “Isso só me fortalece”, suspira. Segundo ela, se outras pessoas decidirem estender uma mão e dar oportunidade a quem está vivendo à parte do convívio social, tanto melhor para o país.

Não só. Melhor também, pessoalmente, para quem toma essa iniciativa. Milena confessa: “Depois do Projeto Bordando Cidadania, mudei minha posição de estar no mundo e de ver o outro. Isso me fez um bem danado.”

artefol.org.br/cabocla



Belíssimo Belize

Praias e florestas, cavernas e ruínas maias, águas ideais para mergulho e uma imensa barreira de corais. Saiba por que este pequeno país no Mar do Caribe deve ser a sua próxima descoberta na América Central

Mar do Caribe com praias admiráveis? Temos. Sítios arqueológicos pré-colombianos? Também. Florestas exuberantes com vida selvagem excepcional? Idem. Há múltiplas formas de explorar Belize, um pequeno país com menos de 400 mil habitantes, que divide suas fronteiras ocidental e norte com Guatemala e México, respectivamente. Entre os vizinhos de língua espanhola, Belize se destaca como o único país na América Central a estabelecer o inglês como língua oficial.

Um bom começo para mergulhar na cultura local: siga em direção ao distrito de Stann Creek, no sul do país, onde fica a vila de pescadores de Hopkins. É onde se concentram os garífunas, grupo étnico formado pela miscigenação de negros africanos, indígenas norte-americanos aruaques e caraíbas. As praias, de areia claríssima e água azul-turquesa, são cenários naturais para apresentações garífunas que fazem

ecoar o som dos tambores, produzindo uma música vigorosa conhecida como punta. Não à toa, língua, dança e música locais foram declaradas pela Unesco Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A cultura belizenha também se traduz nos sabores à mesa. Ainda no sul, prove o *cohune*, prato preparado com corações de palma ao sabor de cúrcuma – é a melhor região do país para apreciá-lo. Já no norte, um bom escabeche picante de frango com especiarias é outra especialidade, servido com *tortillas* de milho. O prato divide protagonismo nessa região com a sopa de *chimole*, também conhecida como *black dinner*, dada sua cor escura, quase negra, conferida pela combinação de frango, cebola, batata, cominho, pimenta e orégano, entre outros ingredientes. Os dois pratos combinam sabores espanhóis e maias.

A civilização maia, aliás, está muito bem representada em Belize: imagine um país com módicos



O Templo da Máscara Maia, em Lamanai, e, abaixo, muita festa e pássaros coloridos, como o tucano-de-bico-de-quilha. Na outra página, praia cinematográfica na vila de Placência

298 quilômetros de comprimento e quase 1.400 sítios arqueológicos! O mais conhecido fica bem perto da Guatemala, no distrito de Cayo: é o Parque Nacional Chiquibul, com 10 mil estruturas, que incluem até mesmo observatórios astronômicos. O parque abriga o monumento mais representativo da cultura maia, o Templo Caracol, onde está a maior construção do país: a Pirâmide Caana e seus 43 metros de altura.

Há outros dados impressionantes. Uma das descobertas mais recentes aconteceu em 2016: restos de uma rede gigantesca de canais de transporte e campos de cultivo construídos pelos maias, somando 14 quilômetros quadrados sob as copas das árvores, na selva de Belize. A natureza, no entanto, por si só já vale a viagem: mais da metade do país é coberta por florestas, e sua conservação é prioridade do governo. De crocodilos a macacos bugios, de papagaios a garças e jaguares – conhecidos no Brasil como onças-pintadas –, há uma infinidade de animais selvagens que compartilham seu habitat com cerca de 4 mil espécies de flores tropicais – só de orquídeas são mais de 250 variedades.

O mergulho na natureza, a propósito, pode ser literal, já que o país é lar de alguns dos melhores pontos para a prática com snorkel ou cilindro na América Central. Durante todo o ano, as águas permanecem mornas e transparentes, o que atrai mergulhadores de várias partes do mundo. Belize também abriga a segunda maior barreira de corais do planeta – a primeira está na Austrália –, que se estende da Riviera Maia até a fronteira com Honduras, e reúne mais de cem tipos de corais e aproximadamente 500 espécies de peixes tropicais, que convivem entre cavernas e paredes subaquáticas.

Mas não tenha dúvida de que a grande estrela do mergulho belizenho é o Great Blue Hole, para os muito experientes. Famoso em todo o mundo, esse grande buraco subaquático fica no Lighthouse Reef Atoll, a parte mais oriental da Barreira de Corais de Belize. Quase perfeitamente circular, tem mais de 300 metros de diâmetro e 120 de profundidade. Nem mesmo o lendário oceanógrafo francês Jacques Cousteau (1910-1997) resistiu à magnitude do Blue Hole. Foi ele quem cravou: trata-se de um dos dez melhores locais do mundo para mergulhar. 📍

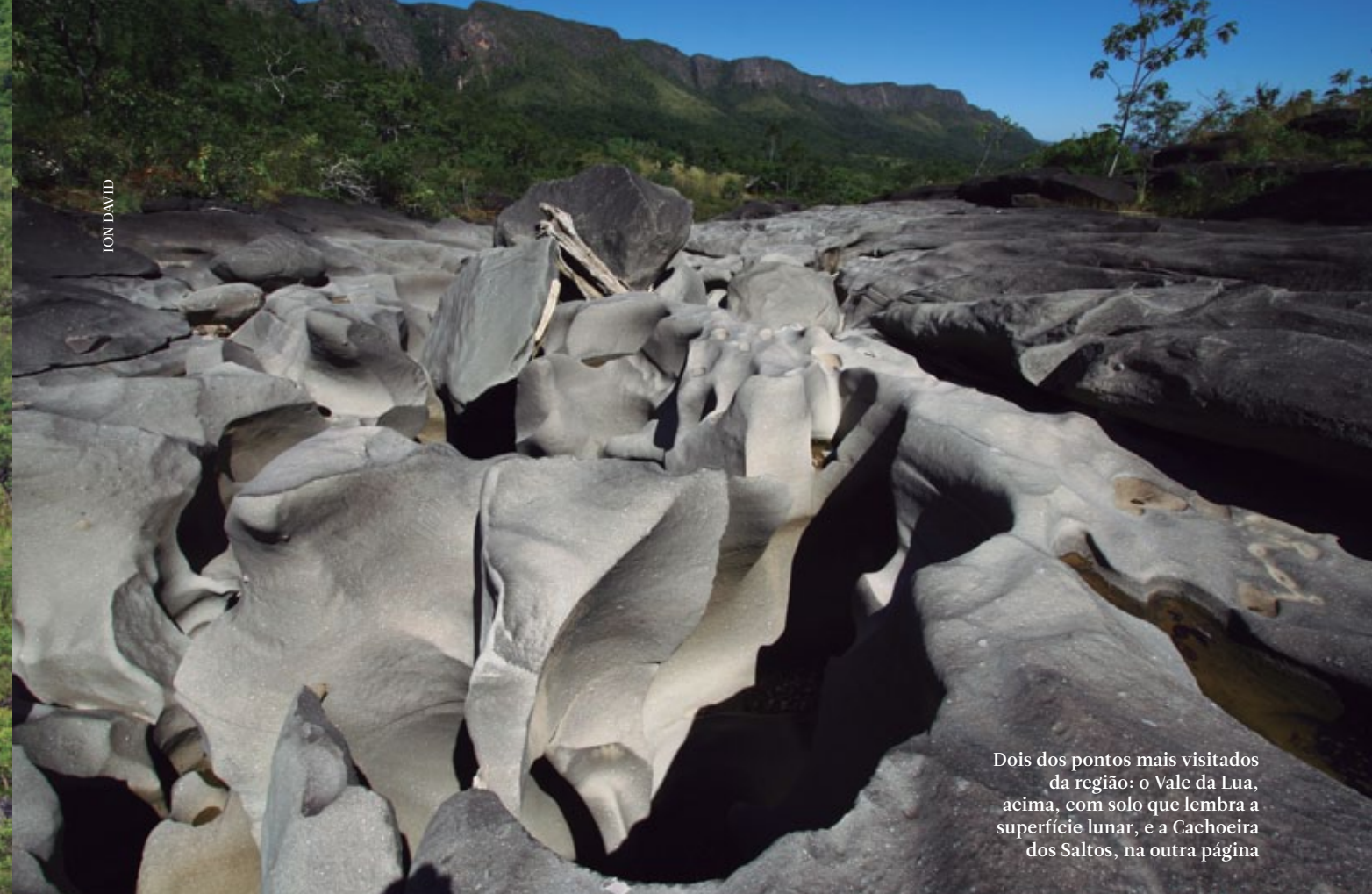
Veja mais sobre Belize em travelbelize.org

BRASIL

NO CENTRO DO BRASIL

Cenários deslumbrantes pontilhados com trilhas, cristais de quartzo, cachoeiras de águas cristalinas e piscinas rochosas formam um dos mais belos cartões-postais do país, na Chapada dos Veadeiros, em Goiás

POR CARLOS MARCONDES
FOTOS ANDRÉ DIB E ION DAVID



Dois dos pontos mais visitados da região: o Vale da Lua, acima, com solo que lembra a superfície lunar, e a Cachoeira dos Saltos, na outra página

De acordo com uma lenda do calendário maia, o dia 21 de dezembro de 2012 seria marcado por uma catástrofe apocalíptica e o mundo sucumbiria. Exceto por um cantinho goiano chamado Alto Paraíso. Para inúmeros esotéricos, a principal cidade da Chapada dos Veadeiros estaria protegida, já que se encontra sobre uma imensa placa de cristal de quartzo de 4 mil metros quadrados, formada há 1,8 bilhão de anos. A força dos cristais agiria como um escudo contra o caos. Como sabemos, o fim do mundo não aconteceu. Mas é igualmente reconfortante saber que temos, a 230 quilômetros de Brasília, um refúgio para chamar de nosso. A profecia serviu para atrair milhares de turistas para a região e reforçar ainda mais a identidade mística que envolve a Chapada dos Veadeiros. É praticamente unânime, mesmo entre os céticos, que, além de um

banho de natureza e de belezas inigualáveis, há algo mais. Uma energia realmente difícil de explicar. Cortada pelo paralelo 14, que também atravessa Machu Picchu, no Peru, a Chapada dos Veadeiros é uma joia no coração do estado de Goiás. Estamos na essência do Cerrado, o mais antigo bioma brasileiro, que abrange 25% do território nacional e onde nascem seis das principais bacias hidrográficas do país – entre elas, a do Tocantins-Araguaia e a do Paraná. Não à toa, o bioma é considerado a caixa d’água do Brasil: sua área concentra nascentes e leitos de rios de oito bacias hidrográficas, entre as 12 que existem no país. Uma espécie de paraíso das cachoeiras, com mais de 2 mil catalogadas. A biodiversidade do Cerrado é impressionante. De acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a área reúne mais de 6 mil espécies de árvores e 800 de aves, sendo que mais de 40% das plantas lenhosas e 50% das abelhas são endêmicas, ou seja, nativas da região. Infelizmente, o bioma tem sofrido com o crescimento acelerado dos desmatamentos e das queimadas nos últimos anos – boa parte ilegais, provocadas pela ambição de players do agronegócio.

O turismo voltado à natureza é um dos fatores que contribuem para a preservação de nossos biomas. E Veadeiros dá um banho nesse quesito. Mas como explorar essa região tão vasta? Primeiro, é preciso se desligar da vida urbana – de preferência, deixe o celular no modo avião e reserve o aparelho exclusivamente para registrar experiências memoráveis. **NA CHAPADA** Quase 3 horas separam a capital federal de Alto Paraíso, porta de entrada da Chapada. É a principal entre as oito cidades abrangidas por Veadeiros e também a que mais exalta o perfil místico. Além dela, a vila de São Jorge, no quintal da entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, é outra parada obrigatória, marcada pelo ecoturismo. De tom rústico, suas ruas de terra estão recheadas de restaurantes descolados, lojas de souvenirs – vários com referências a extraterrestres – e animados forrós, como a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. Há também o município de Cavalcante, a cerca de 90 quilômetros de Alto Paraíso. Apesar de não ter atrativos tão famosos como os das cidades vizinhas, serve como base para explorar cachoeiras

belíssimas – como a Santa Bárbara, localizada dentro da comunidade Quilombo Kalunga, com piscina natural de águas azuis-turquesa, e o complexo do Prata, com a Cachoeira Rei do Prata e seu poço verde-esmeralda. Dirigir pela região é obrigatório. De preferência a bordo de um veículo com tração nas quatro rodas, se o espírito for explorar trilhas e cachoeiras mais remotas. As distâncias são imensas, por isso é preciso planejamento para se hospedar perto das principais experiências. Já para quem não dirige, a opção é contratar guias e empresas especializadas, que levam turistas de forma segura e com conforto, utilizando a frota das próprias agências. Escolher bem a época da viagem também é crucial, já que há duas Chapadas no ano. A seca (entre abril e setembro) e a chuvosa (de outubro a março). A primeira é ótima para percorrer trilhas batidas e aproveitar piscinas naturais e poços com águas translúcidas, além de curtir o friozinho das noites estreladas. Já no período úmido, o espetáculo é formado pela força das quedas d’água no ápice de seus volumes, um convite à contemplação. Há muito o que explorar em Veadeiros: são mais



ANDRÉ DIB

O Parque Nacional Chapada dos Veadeiros ocupa cerca de 10% do Cerrado brasileiro



Aventura é o que não falta: tirolesa, balonismo, *trekking* e rapel estão entre as atividades para explorar a região



FOTOS ANDRÉ DIB



de 500 passeios demarcados em toda a região, como garante o ex-saltador ornamental Velho Joe, que chegou à Chapada em 1995 para ficar cinco dias e nunca mais saiu. Hoje ele atua como guia, baseado na vila de São Jorge. “Vim para cá e me apaixonei. Tem uma energia alucinante e o segundo céu mais lindo do mundo, atrás apenas do Atacama”, compara.

Velho Joe é um dos poucos que praticam saltos nos paredões da Chapada. Um deles, na Cachoeira do Parafuso, com cerca de 15 metros de altura. Outro, na do Rei do Prata, a mais alta para a prática desse esporte, com 25 metros, que teria

potencial para abrigar um evento da Red Bull, não fosse o acesso tão complexo, de acordo com o guia turístico.

Para quem está em dia com o preparo físico e com disposição para encarar caminhadas desafiadoras, Joe também indica as trilhas do Sertão Zen, que passam pelas Cachoeiras dos Macaquinhos, com dez poços pelo percurso. “Para fazer o circuito em um dia é preciso ser ‘calango’, mas vale todo o esforço”, diz. “Também recomendo o complexo das Cataratas do Couro, que engloba cinco cachoeiras maravilhosas.”

PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

A 1 quilômetro da vila de São Jorge, está a entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, declarado Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco em 2001. Ocupando cerca de 10% do Cerrado brasileiro, o parque é um dos principais atrativos de Veadeiros. Dentro dele, percorre-se 5 quilômetros para chegar à Trilha dos Saltos, repleta de cânions e penhascos espetaculares, que emolduram duas enormes quedas, de 80 e 120 metros de altura. Ambas desagüam nas corredeiras do Rio Preto.



Noites inesquecíveis e dias iluminados estão entre as surpresas a descobrir na Chapada dos Veadeiros, com atrações como a Cachoeira das Carioquinhas e o Vale da Lua, na outra página



FOTOS ION DAVID

Não distante da entrada do parque, está outro destaque de Veadeiros, o célebre Vale da Lua. Trata-se de uma região única, com formações rochosas esculpidas pela erosão das águas do Rio São Miguel ao longo de milênios. Hoje, o aspecto do solo lembra a superfície lunar. É onde muitos viajantes se divertem, sobretudo tirando fotos para postar nas redes sociais, aproveitando curiosas piscinas naturais que produzem pressão semelhante à das banheiras de hidromassagem.

Vale a visita, ainda que o lugar já venha começando a sofrer os efeitos do turismo predatório.

De volta à região de Alto Paraíso, algumas quedas locais figuram no portfólio das 40 mais admiradas da Chapada. Quase todas localizadas dentro de propriedades privadas que cobram pela visita, com preços entre R\$ 30 e R\$ 70. Uma delas é a Fazenda São Bento, muito procurada para experiências ligadas ao turismo de aventura, que destaca uma bela cachoeira homônima, além das emblemáticas Almécegas I e II – a primeira com 45 metros de altura e incontáveis pequenas quedas.

Para muito além das trilhas, há também como sobrevoar a região, inclusive para contemplar algumas das cachoeiras mais expressivas. Duas atividades aéreas foram introduzidas recentemente entre os atrativos locais. Uma delas é o balonismo, operado

pela empresa Balonismo Chapada e praticado durante todo o ano, com exceção dos meses de agosto e setembro.

A outra é a tirolesa. Na fazenda São Bento – com 850 metros de extensão e impressionantes cem metros de altura, é conhecida como Voo do Gavião. O nome homenageia os incontáveis carcarás que dividem os céus do Cerrado com araras, tucanos e outras 375 espécies catalogadas. A velocidade média do “voo” proposto chega a atingir 55 quilômetros por hora. “É a única por aqui e a segunda maior de Goiás, permitindo contemplar uma incrível vista de 360°, com as principais serras e o Morro da Baleia, além dos limites do Parque Nacional”, conta Ion David, que, além de proprietário da operadora que gere a tirolesa, a Travessia Ecoturismo, também é fotógrafo e assina algumas das imagens desta reportagem.

Entre os roteiros personalizados oferecidos pela empresa de Ion, a Travessia Leste interliga antigas trilhas que já foram usadas no garimpo e na pecuária tradicional. São cinco noites em uma imersão dentro do Cerrado, caminhando por quase 80 quilômetros em áreas remotas. As atividades também incluem rapel na Cachoeira Água Fria, em um paredão de 45 metros de altura, e a exploração da região de Terra Ronca, que abriga um dos maiores complexos de cavernas da América do Sul.





FOTOS GETTY, DIULGACÃO E ION DAVID



Vale colocar na agenda outros combos de trilhas e cachoeiras consideradas compulsórias em Veadeiros, como: Mirante da Janela, Saltos do Rio Preto, Carrossel, Segredo, Cariocas, Cristais, Dragão, Capivara, Anjos e Arcanjos, Veredas e Loquinhos, essa última bem acessível a crianças. A duração desses roteiros varia de meio dia a uma jornada. E em algum momento da viagem, será preciso

esticar um pouquinho para se despedir do sol no Jardim de Maytree, à beira da rodovia GO-239, entre São Jorge e Alto Paraíso. Ali, a paisagem da chamada savana brasileira encontra sua mais intensa aquarela, quando os raios dourados se entrelaçam com flores e veredas dos buritis, sob a presença dos imponentes Morro da Baleia e Serra de Santana, suntuosas alegorias avermelhadas que enfeitam o horizonte. 📍



Prato típico local, a matula, servida em folha de bananeira, é também conhecida como feijoada do Cerrado. No alto, um dos cânions do Parque Nacional



CULTURA

OMÃ

Em estilo low-profile, bem diferente dos vizinhos reluzentes Dubai e Abu Dhabi, o sultanato de Omã é dono de uma cultura milenar e de desertos com dunas alaranjadas, oásis verdes e praias selvagens aninhadas entre o Mar Árábico e o Deserto de Rub' al-Khali

POR RUY TONE, de Muscat



Os jardins da Royal Opera House de Muscat, o maior centro de artes e cultura de Omã. Acima, o farol da cidade de Al Ayjah, na baía de Sur

o país foi segregado do mundo, o que afetou tremendamente sua economia, levando-o à extrema pobreza. A população se rebelou contra o sultão, e seu filho, Qaboos, conquistou o trono, banindo o pai para Londres até a sua morte, o que seria um marco na história do sultanato.

Hoje Omã sobrevive do legado do petróleo, e mais de 100 milhões de barris ainda são exportados anualmente. Pontilhado

com desertos, oásis, e litorais extensos, é um país com taxa de criminalidade próxima a zero. Estrangeiros são bem recebidos, o que dá à visita certo charme e a sensação de surpresa iminente, por se tratar de um destino turístico fora do *mainstream*.

CALOR E PRÉDIOS BAIXOS

Viajar para Omã, próximo a *hubs jet set* como Dubai e Abu Dhabi, a pouco menos de uma hora de voo, é uma surpresa agradável, principalmente para quem visitou várias vezes a região, sem nunca ter levantado a hipótese de conhecer o país. A temperatura média anual é de 37°C, por isso a recomendação é ir perto do inverno, entre outubro e março, quando esse índice cai para 30°C durante o dia.

colonizadas as costas marítimas de Zanzibar e Quênia. Nessa época, o país era conhecido como Muscat e tinha dois líderes: o sultão e o imame, líder ibadista – os omanis eram adeptos do ibadismo, já que o islamismo ainda não havia sido introduzido.

Dentro do império de Omã, Zanzibar foi o lugar escolhido pelo sultão de Omã, Sa'id ibn, para viver. E onde construiu belos palácios e jardins, fortalecendo a economia da região. Mas após sua morte, em 1856, a área foi dividida entre seus dois filhos rivais. Um deles se tornou o sultão de Zanzibar. O outro passou a governar Omã. E essa divisão acabou por romper o vínculo entre os dois lugares. Já em 1938, Omã ficou sob o controle do sultão Said bin Taimur e, devido às suas crenças conservadoras,

o sudeste da Península Arábica, o sultanato de Omã faz fronteira com Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Iêmen, e dá nome ao Golfo de Omã, onde tem como vizinhos do além-mar o Irã e o Paquistão. Cercado por essas culturas tão poderosas, como não acreditar em mil e uma histórias de nosso imaginário fantástico? daquelas recheadas de jogos, da antiguidade e do poder contemporâneo, transcritos e reproduzidos pelo Estreito de Ormuz, onde atualmente circulam 60% do petróleo produzido no mundo?

A história de Omã remonta ao ano 5000 a.C., ou seja, antes do surgimento do islamismo, quando a região de Dofar – província ao sul do sultanato – era o coração do comércio de incenso. Sua fama era a de ter as árvores de incenso mais preciosas. A qualidade do olíbano, bem como a localização estratégica de Omã, transformou a cidade num centro de comércio para as regiões da Pérsia, da Índia e da África.

Sabendo de sua localização comercial privilegiada, os portugueses invadiram Omã em 1507, colonizando suas cidades costeiras: Muscat, Sur e

Sohar. E por 150 anos, controlaram a costa do país, até serem expulsos por tribos locais. O poder econômico de Omã veio por volta de 1800, pela localização conveniente e pelo conhecimento herdado dos portugueses, que foram úteis para que o sultanato assumisse o controle de países estrangeiros: abriu-se o acesso ao Irã e ao Paquistão, e foram

N

Com capacidade para 20 mil fiéis, a Grande mesquita do Sultão de Qaboos é a maior e a mais bonita do país

A vista de um oásis sob as Montanhas Al Hajar, a maior cordilheira no leste da Península Arábica. Na outra página, os detalhes da arquitetura e a torre da Grande Mesquita

FOTOS GETTY



Muscat, a capital, combina o charme da cultura anciã árabe com algumas pérolas modernas das cidades do Golfo. Mas sem as edificações tresloucadas de seus pares regionais, já que possui uma limitação imposta, que estabelece o máximo de seis pavimentos para os prédios. Localizada entre as águas azuis-turquesa do Mar de Omã e as montanhas de Al Hair Al Sharyi, a cidade tem 850 mil habitantes – pequena para os padrões usuais de grandes metrópoles, mas ainda assim única referência cosmopolita do país.

Pouco a pouco, as boas surpresas se sucedem, como a visita à Grande Mesquita do Sultão Qaboos, a maior e mais bonita do país e segunda maior da região do Golfo. Com capacidade para 20 mil fiéis, fica nos arredores de Muscat, na área de Al Ghubrah Al Janubiyah. São 42 hectares de área, maravilhosos tapetes iranianos confeccionados à mão, lustres belíssimos e paredes decoradas com esmero. Há no salão principal um tapete considerado o segundo maior do planeta, com 1,7 milhão de nós, bem como um lustre gigantesco, imponente, único, que pode ser admirado diariamente, em horários liberados para visitantes, mesmo que não praticantes do islamismo omanita (ibadismo).

Não muito distante dali, podemos visitar também a Royal Opera House Muscat, no distrito de Shati Al-Qurm, edificação que, apesar de nova, tem referência construtiva e arquitetônica das grandes casas de ópera do mundo. A capacidade é para mais de 1,1 mil visitantes, em um complexo que reúne teatro, óperas e shows, uma autêntica pérola da arquitetura. E ali perto fica o Souq de Mutrah, junto à Corniche, a avenida costaneira. O espaço foi recentemente renovado, o que tirou um pouco da empatia gerada por esse tipo de comércio, mas, ainda assim, há muito dos souqs tradicionais. As lojas oferecem grande variedade de especiarias típicas, como óleos perfumados, incenso (não deixe de levar o *frankincense*, milenar incenso da península), roupas, calçados, tecidos, em uma permanente alegoria da diversidade do mundo árabe.

O mercado de peixes fica próximo, assim como o porto, onde ancoram os navios de cruzeiro, e de onde saem passeios com os *dhow*s, barcos tradicionais da região. Há fortes como o como o Al Mirani e o Al Jalali, do período de domínio português, e palácios reais, como o Al Alam Palace, que são acessíveis apenas para serem contemplados e fotografados do lado de fora, por serem edificações ainda em uso.

HOSPITALIDADE

Para a estada em Muscat, o Al Bustan Palace, o Al Ritz-Carlton Hotel, é uma boa pedida, apesar dos dois imensos resorts do grupo Shangri-La instalados na cidade, com seus mais de 600 quartos e praias privativas. Ou a imponência e a modernidade do Kempinski Hotel Muscat, próximo ao aeroporto. Já o Al Bustan Palace tem aquela deliciosa mescla de hotel clássico com a tênue sofisticação da beleza madura de diferentes ambientes. A praia, bonita, convida a caminhadas gostosas no fim da tarde. E o sofisticado restaurante à beira-mar serve de forma romântica e com boa comida, jantares ao luar ou à luz de velas. Uma questão interessante nesses hotéis de luxo de Omã é que há oferta de boas bebidas alcoólicas liberadas para consumo, ainda que em poucos lugares. Vinhos em especial, mas com preços significativamente maiores do que o



usual, pela oferta limitada, taxas e impostos especiais, em deferência ao estado muçulmano.

A partir de Muscat, a dica para uma semana de estada é uma *round trip* envolvendo os fortes e o oásis de Nizwa, as Montanhas de Al Jabal Al Akhdar, o Deserto de Wahiba Sands em Bidiyah e o retorno à costa junto às praias de desova de tartarugas marinhas, em Sur (Ras al-Jinz). Saindo pelas *highways* de Muscat, de ótimo asfalto, são pouco mais de três horas até a região de Nizwa, onde a visita aos Fortes Jabrin e Bahia satisfazem o conhecimento de arquitetura e de história local dos últimos séculos, ainda que as

As dunas de tom âmbar
do Deserto de Wahiba Sands





A torre da mesquita na fortaleza da cidade de Nizwa. Abaixo e na outra página, antiguidades, frutas secas e especiarias no Souq de Mutrah

FOTOS GETTY



reformas tenham alterado além do desejável as estruturas das edificações (para um patrimônio histórico tombado), desvirtuando um pouco a caracterização das construções.

Nizwa tem muitos oásis. É uma experiência única cruzar os canais que correm como veias inundando de vida todo o vale Wadi Al Madeen, em plantações de tamareiras, cujo fruto é primordial para a subsistência em

locais semi ou totalmente desérticos. Nada como sentir o contraste de áreas desérticas com o frescor das águas que correm pelos canais milenares. Às sextas-feiras acontece, perto do Forte de Nizwa, um tradicional mercado de produtos e animais locais. Com a presença de centenas de mercadores, a visita é ótima para observar a dinâmica de compra, venda e troca de cabras e bezerros. São centenas deles, com desfiles em ordem e organizados, para que todos possam observar e dar seu lance.

Saindo de Nizwa, ao subir as Montanhas de Al Jabal Al Akhdar, sentimos o frescor da altitude nos alcançar. A sensação é a de um ar mais leve e fino, já que o topo das montanhas fica a mais de 2 mil metros de altitude. O Anantara Al Jabal Al Akhdar Resort, situado em um penhasco com vista inacreditável do vale, já recebeu a visita de Lady Di e do Príncipe Charles. O então casal fez ali um bucólico piquenique, onde hoje fica a piscina de borda infinita do hotel. De uma paz celestial, unindo os ventos leves da noite na altitude com a beleza de penhascos e vales gigantescos, o Anantara flutua. É uma visão única, serena, de paz e plenitude, em um vigoroso contraste entre as terras baixas e altas de Omã. Terreno também fértil para *trekkings*,



escaladas e caminhadas em meio à natureza, com visitas a pequenas aldeias que cultivam um modo de vida agrícola e ancestral. Vale conhecer algumas casas na montanha. E ficar no Anantara.

Após o retiro espiritual das Montanhas de Al Jabal Al Akhdar, o rumo pode ser uma experiência no deserto de areias avermelhadas de Bidiyah. Mas antes, em um pequeno desvio na estrada, um breve interlúdio para conhecer e visitar um Wadi com água. Wadi é usualmente um vale seco que, quando inundado de forma perene pelas águas da chuva, transforma-se em uma ode à cor esmeralda e à vegetação verde que brota pelo caminho. E caminhar, nadar ou apenas admirar tornam-se atividades muito valorizadas, não só por visitantes, como pela própria população local. Há vários deles pelo país. O Wadi Bani Khalid é um dos mais famosos, com caminhos de água percorrendo outros, escavados nas montanhas, tornando-se, adiante, lagos verdes próprios para banho, que também irrigam plantações de tamareiras.

AVENTURA EM UM 4X4

Em Bidiyah, junto ao Deserto de Wahiba Sands, os resorts estilo *camps* não são charmosos como o

Anantara, até porque a presença de turistas é consideravelmente maior. Mesmo assim, não há do que se queixar, afinal, o deserto é o deserto. E nunca é trivial ou deixa de ser uma experiência única sentar-se na areia, no alto das dunas, para vivenciar momentos especiais, como, por exemplo, o pôr do sol.

Subir em um 4x4 para alcançar o topo das dunas é essencial, uma vez que a altura delas é imensa, chegando a impressionantes 70 metros. E lá de cima é, sem dúvida, o melhor ângulo para observar os 360° que unem mar e dunas até onde alcança o horizonte, entre os tons alaranjados do fim da tarde. E foi justamente a presença dos turistas que trouxe tempero especial ao momento, sobretudo indianos e omanitas, festejando com sua alegria típica (diferentes de nós, nos trajes, olhares e comportamento) e despedindo-se em êxtase dos últimos raios de sol. Depois de tudo isso, a noite no deserto sempre é um deleite, com o céu recheado de estrelas.

Os mais aventureiros cruzam o deserto e saem no mar em carros 4x4, a melhor forma de curtir os prazeres que a imensidão das areias e o silêncio podem proporcionar. A viagem também pode ser feita pelas estradas impecáveis de Omã, percorrendo rapidamente o traçado de volta ao litoral, em direção a Sur, uma das



FOTOS RUY TONE E GETTY

idades mais antigas e tradicionais do país.

Com tradição portuária, Sur já foi um ponto importante de construção naval. Hoje, ainda subsiste um único estaleiro que pratica a forma tradicional de construção dos *dhow*s de madeira, típicos veleiros que ainda navegam por todo o litoral omanita. Madeira historicamente obtida por meio das rotas de comércio asiáticas, trazida da Índia ou da Birmânia (de onde, aliás, vem até hoje) e utilizada da mesma forma durante séculos de sabedoria acumulada de construção naval. É possível visitar e apreciar esse modelo tão artesanal de confecção, bem como ainda testar a navegação pelas praias e canais, um pequeno passeio usufruindo dos prazeres de um barco construído assim.

Sur também se notabiliza por ser uma zona importante de conservação de quatro espécies de tartarugas marinhas, que se reproduzem no litoral de Omã. A proteção das áreas em Ras Al Jinz é feita de forma permanente, e inúmeros vigias, leis e entidades garantem a desova das tartarugas, que pode ser observada em praias de forma controlada.

Ao organizar grupos para visitantes, há a preocupação de minimizar o impacto da presença humana na região, mas na prática não é bem assim. Os muitos grupos de adultos e crianças nem sempre têm consciência da fragilidade de um ser vivo como uma tartaruga, que chega em busca de uma praia supostamente deserta para pôr seus ovos.

Visitantes desavisados e ansiosos pelo avistamento noturno, acabam por causar a interrupção dos caminhos dos animais em busca do ponto ideal de desova. As tartarugas sofrem com os humanos não devidamente orientados à observação da natureza, que interferem em um instante primordial à existência desses animais. E depois desse caminho, ainda há a lojinha, comercializando apetrechos e souvenirs.

Em Sur, há alguns resorts despojados do luxo e voltados para o turista mais regional. Isso se reflete no passeio pelas praias. A experiência mais incrível é a caminhada pela praia ao lado do Ras Al Jinz Turtle Reserve, em que turistas regionais se aglomeram em experiências das mais diferentes, como passeios em pequenos barcos, caminhadas (em trajes cotidianos), trotes majestosos a cavalo (como em um filme, com príncipe das Arábias, salvador e imponente a galopar), pequenas rodas de música animadas, recheadas de risos cheios de humanidade. Ou simplesmente a observação do tempo, do mar, da vida, em grupos extensos de familiares em algazarra, ao redor de um singelo piquenique. A cosmologia de trajes e comportamentos tão diferentes, reunidos em um universo único, fizeram da experiência de estar ao lado deles na praia, participando de um mesmo universo terrestre, humano, da beleza mais representativa da vida em Omã. 📍



A vista da capital, Muscat, cercada por montanhas. Na página ao lado, em Qalhat, o mausoléu de Bibi Maryam (1280–1315) que sobrevive a terremotos, a invasões e ao tempo

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





ARTE

A arte da hospitalidade em estado bruto

*Escondido em uma pequena cidade da Lapônia sueca,
o badalado Treehotel relembra o verdadeiro papel da hospitalidade:
o prazer de servir e de emocionar*

POR ERIK SADAÖ

O imponente 7th Room (2016),
assinado pelo estúdio Snøhetta

A

hospitalidade é uma arte. O real prazer em servir, o desejo de surpreender e a satisfação com o deleite do outro não podem ser aprendidos nem mesmo nas melhores escolas de hotelaria da Suíça ou da França. A essência do verdadeiro artesanato dessa modalidade da arte existe na personalidade de somente alguns de nós.

O minúsculo vilarejo de Harads, com menos de 600 habitantes, fica escondido na imensidão da Lapônia sueca. É o lar de infância de Britta e Kent Lindvall, verdadeiros astros da hospitalidade contemporânea. Em meio aos inconfundíveis bosques de coníferas e de seus proeminentes pinheiros, onipresentes em qualquer cartão-postal do Ártico, surge o Treehotel, com somente sete cabanas em formatos tão inusitados quanto os de um disco voador, de um cubo espelhado e de um ninho gigante. Desde sua inauguração, em 2010, o hotel figura na *bucket list* dos viajantes mais inquietos.

Independentemente da estação, é impossível resistir a uma caminhada nas florestas dessa região quase secreta da terra do Papai Noel. Se a predominância verdejante das estações quentes favorece a observação de ursos, cervos, alces e morsas, na imensidão de tons alvos do longo inverno, as formas das cabanas do Treehotel dão tom onírico às caminhadas sobre a neve ou aos passeios em tremó e *snowmobile*, marcas registradas da Lapônia.

A sensação de perder-se na floresta para encontrar as casas suspensas é similar à que temos ao visitar um museu de arte contemporânea a céu aberto pela primeira vez. Tocado pela experiência criada por Britta e Kent, responsáveis por um impacto positivo e sustentável na pequena Harads, arrisco dizer que será impossível não entrar em contato com a sua criança interior durante uns dias por aqui.

E se esse tipo de emoção é comumente atribuído ao contato com a arte, para os amantes da arquitetura e do design, a experiência no hotel chega a ser catártica. Todas as casas – incluída a impressionante estrutura de spa, com saunas particulares, observatórios e lounges – foram projetadas por medalhões da arquitetura escandinava. Os suecos Tham & Videgård,



Ambos de 2010, os projetos The UFO e Bird's Nest, de Bertil Harström, estão entre os mais representativos do hotel





Um dos quartos do Dragonfly (2013), idealizado por Sami Rintala, em parceria com o estúdio Rintala Eggertsson Architects. E o interior do The Blue Cone (2010), por SandellSandberg



nomes por trás do renomado Concert Hall de Estocolmo e do celebrado Moderna Museet de Malmö, por exemplo, assinam o famoso Mirrorcube, o cubo espelhado que mimetiza os pinheiros.

Já o renomado estúdio norueguês Snøhetta – conhecido por obras como o recente Under, primeiro restaurante submerso da Europa, e pelo prédio da Ópera e Balé Nacional, ícone moderno, concorrente do castelo da Frozen como foto obrigatória na capital norueguesa – fincou sua marca em Harads com o 7th Room, maior e mais moderno quarto do Treehotel. Vale mencionar que o estúdio é reconhecido internacionalmente pelos projetos que realizou em Nova York, como a zona de pedestres da Times Square e o jardim do 550 Madison Garden.

PESCARIA E PROJETOS SOCIAIS

A saga (afinal, estamos na terra dos vikings) da construção do hotel é marcada por coincidências que crédulos como eu atribuem ao destino. Após décadas lecionando para adolescentes da escola de ensino médio de Harads, o então professor Kent Lindvall investiu suas economias em uma pequena agência de turismo. Mesmo sem nenhuma experiência no setor, passou a organizar viagens de pesca, sua grande paixão, mundo afora. Seus clientes eram, principalmente, os amigos que fez ao

longo dos anos pescando nos rios do norte da Europa durante as férias. Sua esposa Britta, então a enfermeira mais querida do único hospital do vilarejo, se dedicava ao desenvolvimento de projetos sociais na Suécia e em países próximos, como a Rússia.

Foi a partir de um dos trabalhos iniciados por ela que os dois transformaram um asilo abandonado na Britta's Pensionat, uma *guesthouse* onde até hoje funcionam o restaurante e os quartos convencionais do Treehotel [saiba mais na entrevista com o casal, na página 138]. A pousada serviu de base para as filmagens de *The Tree Lover*, tocante documentário sobre a relação do homem com a floresta, do cineasta Jonas Selberg Augustsén, também nascido na região. Como a casa construída em uma árvore para a produção do filme foi mantida, Britta passou a oferecê-la a seus hóspedes.

Os feedbacks apaixonados de quem experimentava passar uma noite na altura das copas dos pinheiros não poderiam ser melhores. Alguns mencionaram a sensação revigorante após o sono em meio à natureza, outros contavam como se sentiam reconectados a si mesmos. Em comum, todos relataram ter vivido um sonho de infância. Tudo isso antes da era da ultraexposição digital, quando a busca por experiências do tipo se tornou quase uma necessidade.

“A sensação de perder-se na floresta para encontrar as casas suspensas é similar à que temos ao visitar um museu de arte contemporânea a céu aberto pela primeira vez”

Como é comum aos apaixonados pela arte de servir, o pródigo casal da pequena Harads enxergou ali a oportunidade de criar algo que superasse a expectativa de mais gente. Com uma folha desenhada à mão, Kent embarcou rumo a uma de suas aventuras de *fly-fishing* na Rússia. O grupo contava com três arquitetos. Enquanto preparavam o jantar no acampamento montado às margens do Volga, ele apresentou a ideia, pedindo que cada um desenvolvesse uma casa na árvore à sua maneira, com a condição de que não se comunicassem durante o processo. Sua intenção era ver como eles enxergavam a materialização de seu sonho.

Passados alguns meses, recebeu quatro desenhos completamente diferentes das casas, hoje conhecidas como The Cabin, The UFO, Mirrorcube e Bird's Nest. Como entendia pouco sobre hotelaria e nada sobre design, Kent deu a cada um dos arquitetos total autonomia para o desenvolvimento dos interiores de cada projeto. Sem quaisquer recursos, a construção foi, obviamente, negociada a preço de custo.

Como em toda saga, havia um entrave. A área da floresta onde as casas seriam instaladas havia sido negociada com uma madeireira. Britta e Kent defenderam junto à prefeitura local a criação de um empreendimento capaz de atrair visitantes à região e, claro, manter a natureza daquela parte da Lapônia



O Mirrorcube (2010), assinado por Tham & Videgård, é um dos projetos mais intrigantes do Treehotel



O interior da casa The Cabin (2010), por Cyrén & Cyrén. Na página ao lado, o pôr do sol que colore os fins de tarde com tons que vão do rosa ao violeta

intocada. Apesar do estranhamento inicial – e das piadas comuns de um vilarejo em que todos se conhecem desde a infância –, a possibilidade de preservar a área, a partir da construção de casas nas árvores com formatos como o de um disco voador, ganhou apoio maciço da comunidade.

Assim que o hotel foi inaugurado, uma matéria sobre o projeto, publicada por um grande jornal britânico, congestionou a única linha telefônica utilizada pela Britta's Pensionatt. A filha Sofia, que sabia operar bem o computador, foi imediatamente incumbida das reservas e do trato com a imprensa. A sensação de que estavam recebendo trotes diários era constante. Cada vez que o telefone tocava e o interessado informava nome e sobrenome, caíam na risada sem acreditar que se tratava de estrelas das telas, da moda e do topo das paradas musicais.

O nome Treehotel veio somente após a construção da The Cabin, um ano após a inauguração. E após 12 anos funcionando a todo vapor, a essência da simplicidade dos fundadores permanece intacta. Basta uma refeição no simpático restaurante, montado com mesas particulares para cada cabana – com pratos à base de carne de rena e ingredientes típicos da região com variedade abundante de *berries* – para

confirmar que estamos na casa de alguém.

A natureza intocada e a introspectiva cultura da Lapônia – sem visitas ao Papai Noel, nem ansiedade por avistar a aurora boreal (apesar das explosões frequentes na região) são um convite para ler um livro com tranquilidade, apreciando a vista do Rio Lule. Reservar uma sauna particular e caminhar pela floresta descobrindo novos detalhes por diferentes ângulos das cabanas são experiências que ficam na memória. Se é isso que o viajante busca ao sair de casa, não irá se decepcionar.

Na última noite, caminhando de volta para a Dragonfly, senti-me agradecido pela reconexão. Viajante profissional, com passagem por mais hotéis do que consigo me recordar, poucas vezes presenciei a arte da hospitalidade em estado tão bruto. A autêntica vontade de surpreender, a partir do real prazer de servir. E já ia me esquecendo: durante o jantar, na mesa ao meu lado, a modelo mais *cool* da Inglaterra sorria para mim como alguém que também acabara de entrar em contato com sua criança interior.

A ARTE DE INSPIRAR TRANSFORMAÇÃO

Como se espera quando um hotel nasce fazendo sucesso, novos hotéis começaram a surgir nos arredores, como o recém-inaugurado Arctic Bath.





Coidealizado por Kent, o projeto assinado por seu amigo – o arquiteto e designer de produtos Bertil Harström, responsável pelas casas UFO e Bird’s Nest – tem o formato de um ninho, literalmente, flutuando nas águas do Lule.

Outro novo empreendimento, já em construção, foi inspirado na cultura ancestral dos sami, como é chamado o povo indígena da região. Deve ser anunciado em breve. E a expansão do Treehotel segue o ritmo definido por Britta e Kent, com a primeira cabana assinada por um arquiteto dinamarquês agendada para este ano. O novo quarto deve manter Harads interessante para os amantes da arquitetura e da arte da hospitalidade incomum.

No concorrido mundo da hotelaria, dominado por conglomerados que acabam por pasteurizar a vivências do viajante, é comum que grandes arquitetos sejam chamados para criar um fator “it” e atrair a atenção dos viajantes mais exigentes. Experimentos de hospitalidade em estado bruto, os hotéis da pequena Harads proporcionam vivências autênticas, altamente recomendadas a todo viajante inquieto e apaixonado pela arte de servir e pela transformação que um sonho é capaz de criar. 📍



O lounge do Treehotel (2010), idealizado por Bertil Harström. Na outra página, o exterior do Dragonfly (2013) de Sami Rintala e a vista para um grupo de renas, a partir do hotel



ESPORTE

RADICALMENTE ECOLÓGICA

Referência internacional em turismo sustentável, a Costa Rica é um dos países com maior biodiversidade do planeta e abriga o Pacuare, um dos melhores rios para a prática de rafting

POR NANA WAGNER



FOTOS GETTY



N

ão há como fugir do clichê: a vida na Costa Rica é, de fato, pura. Ela e todas as bonanças que lá formam o pano de fundo da rotina trivial: o mar límpido, a brisa tropical, as ondas que atraem turistas de todo o mundo, a aquarela celeste a cada fim de dia, entre todas as outras graças da natureza local.

É um cenário incrível para a prática de atividades ao ar livre, como o rafting, cuja popularidade não para de crescer no país desde a década de 1970. A Costa Rica tem algumas das melhores corredeiras da América Central, atraentes também por não serem geladas. Muitas estão disponíveis o ano todo para a prática do remo de alta adrenalina. Mas é durante os meses chuvosos, com os rios mais cheios, que o país recebe o maior número de viajantes em busca de aventura. Isso acontece na chamada temporada verde, que vai de maio até outubro.

Mesmo os iniciantes não têm desculpas para não praticar o rafting na Costa Rica. Há várias opções seguras para quem está começando, como o Rio Reventazón, que nasce na base do Vulcão Irazú. Com 145 quilômetros de extensão, o rio tem corredeiras contínuas ao longo da encosta atlântica e deságua no Mar do Caribe. Uma de suas seções,



Flórida, tem águas moderadas e é muito recomendada não só para quem está começando, como também para praticantes de nível médio.

Paralelo ao Reventazón, corre o Pacuare, com 129 quilômetros de extensão, que foi listado pela revista *National Geographic* entre os três melhores do mundo para a prática do rafting. Assim como o rio paralelo, o Pacuare nasce na Cordilheira de Talamanca, nas encostas das colinas de Cuerici, 3 mil metros acima do nível do mar. Desce, então, pelas montanhas até as planícies do Caribe Central e finalmente vaza no Mar do Caribe.

A paisagem exuberante, com muita vegetação, cachoeiras e espécies exóticas de animais, já seria o suficiente para mera contemplação. Mas a maior beleza do Pacuare se revela apenas a quem se aventura por suas águas bravas, pontilhadas por 52 corredeiras, a bordo de um bote inflável: uma experiência que transcende a prática do esporte. Atravessando uma densa faixa de floresta virgem e cânions estreitos, o Pacuare despenca por corredeiras que variam da classe II à IV (a classe V é recomendada apenas para profissionais). Esses níveis são definidos pela Escala Internacional de Dificuldade dos Rios, criada pela American Whitewater,



A paisagem exuberante, com muita vegetação, cachoeiras e espécies exóticas de animais, já seria o suficiente para mera contemplação

Observação de animais na Costa Rica: as baleias jubarte, na Península de Osa, e o quetzal-resplandescente (outra página), pássaro em extinção cuja maior população se encontra no país

e vão do I, para principiantes, ao VI, extremo, com muita imprevisibilidade e perigo.

Para quem pretende explorar o Pacuare várias vezes, ou simplesmente estar perto dele por um tempo maior do que durante um simples passeio, uma dica é se hospedar no Pacuare Lodge, na cidade de Siquirres, província de Limón. O lodge tem iniciativas louváveis voltadas à sustentabilidade. Foi construído provocando o mínimo impacto ao meio ambiente, sem que nenhuma árvore sequer fosse derrubada. Pelo contrário, várias delas foram plantadas, em um projeto de reflorestamento operado por pequenos fazendeiros locais. O acesso não é dos mais fáceis – por isso mesmo, quase toda a população local se emprega na própria região, com locomoção feita por transporte coletivo.

Para os hóspedes, a aventura já começa na chegada ao hotel. Por terra, o trajeto de carro é ladeado por árvores e folhas que formam desenhos vigorosos, robustos e misteriosos. Também é possível acessar o Pacuare Lodge por tirolesa e rafting – a bagagem vai separada, em um outro bote. Massagens e atividades como *trekking* e caiaque também estão disponíveis no ecolodge, além de aulas e



palestras sobre ecologia e sustentabilidade, ministradas diariamente para que os visitantes conheçam o papel do hotel no entorno.

QUALIDADE DE VIDA

Limitada ao norte pela Nicarágua e ao sul pelo Panamá, a Costa Rica é um pequeno país da América Central banhado pelas águas do Caribe e do Pacífico. Se comparada aos seus vizinhos, revela diferenças cruciais ligadas sobretudo à qualidade de vida. O país mantém boa estabilidade política, apesar dos percalços socioeconômicos constantes nessa fatia do globo, um dos fatores que o coloca entre as democracias mais consolidadas do continente. Apesar de seus 51 mil quilômetros quadrados de área, a Costa Rica aboliu seu exército em 1948 e, nos 25 anos posteriores à desmilitarização, aumentou o investimento em educação de 15% para 35%, triplicando o número de escolas. Tais medidas ajudaram a posicionar seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os melhores de toda a América. De acordo com o relatório mais recente da ONU, a Costa Rica ocupa a nona posição no

ranking americano – o Brasil está em 18º lugar.

Entre praias, florestas tropicais e vulcões – alguns deles ativos –, convivem mais de meio milhão de espécies de vegetais e animais, como majestosas araras-vermelhas, pererecas tão bonitas quanto venenosas e milhares de bichos-preguiça. O país é referência em conservação da biodiversidade – mais de um quarto de suas terras são intocadas e protegidas por lei. Desde 2002, por exemplo, estão proibidos animais nos circos. E a caça esportiva é igualmente ilegal.

Além do rafting, que atrai aventureiros de todo o planeta, o menu de atividades *outdoor* parece infinito. De escaladas ao cume dos vulcões a surfe em ondas perfeitas, passando por retiros de yoga e meditação. A gama de paisagens cênicas reforça a interação dos visitantes com a natureza.

VULCÃO ARENAL

A maior parte dos vulcões da Costa Rica fica no norte do país e nas terras altas centrais. Entre mais de 200 formações vulcânicas identificáveis com mais



Pôr do sol no Parque Nacional Corcovado. Na página ao lado, aventura nas águas do Rio Sarapiquí

de 65 milhões de anos, cerca de cem mostram sinal de atividade, mas apenas cinco são classificadas como vulcões ativos: Irazú, Poás, Rincón de la Vieja, Turrialba e Arenal – esse último, em La Fortuna, é o mais ativo deles. Nessa região, o ideal é aproveitar os meses de dezembro a abril, na estação seca, quando a observação de pássaros é mais abundante.

Considerada a porta de entrada para o Parque Nacional do Vulcão Arenal, La Fortuna é a capital da aventura da Costa Rica, a apenas 30 quilômetros de distância de San José, capital do país. Além de dar acesso ao vulcão, a cidade conecta os visitantes à floresta tropical, a cachoeiras e ao maior lago costarriquenho, homônimo ao vulcão, com 85 quilômetros quadrados. A área é ponto de partida para passeios por trilhas ao longo das encostas do Arenal, com tirolesas que cruzam a floresta tropical e levam à cratera do vulcão. Daqui também partem expedições para a prática de rafting em vários rios, com diferentes classes de corredeiras. Um deles é o Rio Balsa, com classificações II e III. O outro, é o Toro, com classificações III e IV, para doses mais altas de aventura.

Intercalar a adrenalina dos passeios com uma boa dose de conforto é fácil nessa região, já que há uma seleção bem interessante de hotéis. E a exemplo do que acontece de norte a sul do país, grande parte da riqueza animal e vegetal pode ser apreciada dentro dos limites dos resorts, que também contam com suas próprias águas termais. A paisagem por estes lados já foi árida, mas ganhou ares verdejantes após um empenhado trabalho de restauração da floresta tropical pelos esforços do grupo Nayara Resorts, cujo complexo nesta área é composto por três coleções de alojamentos: Nayara Gardens, Tented Camp – entre os melhores *glampings* do país – e Nayara Springs. Esse último, somente para adultos, é um dos hotéis que mais atraem viajantes para a Costa Rica. Trata-se de um Relais

Em La Fortuna, o Arenal
é o mais ativo entre
os vulcões da Costa Rica





& Châteaux acessível por uma ponte que atravessa a selva, com *villas* espaçosas e muito confortáveis. Cada uma delas tem piscina exclusiva, abastecida com águas termais minerais provenientes do Arenal.

PACÍFICO

Outro grande polo de biodiversidade na Costa Rica é a província de Guanacaste, na costa norte do Pacífico, onde estão localizadas praias de águas mornas e areia escura, que se intercalam com florestas tropicais exuberantes, como Nosara, Tamarindo, Playa del Coco e Península de Papagayo, que concentra a maior infraestrutura hoteleira e onde fica o aeroporto internacional de Liberia. Nessa região também estão concentrados vários campos de golfe e resorts impactantes. Ostentação e opulência, porém, passam longe desses lados.

Alguns dias no Andaz Costa Rica Resort at Península Papagayo proporcionam, talvez, a mais literal definição de férias: relaxamento, drinques bem preparados e boa comida cercados por paisagens estonteantes. O próprio hotel, que pertence à rede Hyatt, parece envolto em sequências infinitas de bambus perfeitamente ordenados. Há uma

ótima diversidade de passeios ou mesmo extensões à estadia, como visitas à Reserva Florestal Nublada de Monteverde e ao Parque Nacional Barra Honda, para exploração de cavernas.

Um deles leva às corredeiras do Rio Colorado (classes II e III), que nasce dentro do Parque Nacional Rincón de la Vieja e gera um fluxo poderoso, que corta um desfiladeiro no campo ao longo de seu caminho montanha abaixo. O outro tem como destino o desfiladeiro impressionante do Rio Tenório (classes III e IV), que contrasta uma intensa paisagem verde com rochas vermelhas e desenha 20 corredeiras pelo caminho, várias delas estreitas e altamente técnicas. A mais extrema da Costa Rica fica por aqui mesmo: chama-se Cascabel Falls, e possui uma queda d'água de 3,6 metros.

Depois de ter contato com tanta riqueza natural – com ou sem adrenalina – e assimilar os resultados do respeito à preservação da biodiversidade, fica fácil reafirmar a atitude positiva dos costarriquenhos com a popular expressão “Pura Vida”. É nesses termos que aqui se diz “obrigado”, “bom dia” ou “até logo”. Vivendo em um paraíso verde, que outra expressão faria tanto sentido? 📍

Na página ao lado, a cachoeira do Rio Celeste, que adquire esse tom graças a substâncias químicas liberadas pelo Vulcão Tenório. No alto da página, o Pacuare, à beira do rio homônimo, e os bangalôs do Andaz Costa Rica Resort at Península Papagayo Resort



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br



A woman in a yellow tank top and black leggings is performing a yoga pose on a white mat on a wooden deck. The deck is situated in a forest of massive, ancient-looking sequoia trees. Sunlight filters through the dense canopy, creating dappled light on the deck and the woman's clothing. The woman is in a variation of the Pigeon pose, with one leg bent and the other extended, reaching for her foot with one hand while the other arm is raised towards the sky.

BEM-ESTAR

A NATUREZA COMO ALIADA

*Instalado entre antigas sequoias em Woodside, nos arredores de São Francisco,
o mais recente hotel-spa do grupo de hospitalidade e bem-estar de luxo
Canyon Ranch reinventa o conceito de retiro de fim de semana*

POR JULIANA A. SAAD



Destino *wellness* por excelência, a Califórnia é uma espécie de meca para viajantes que buscam bem-estar e harmonia interior em contato com a natureza. Quer você esteja procurando explorar trilhas e praias, fazer um detox, se jogar em um retiro ou simplesmente relaxar em um spa ou resort, o estado tem uma miríade de opções de tratamentos e escapadas naturais, com muitos acréscimos luxuosos ancorados em locais absolutamente mágicos.

Esse foi o contexto escolhido pela marca norte-americana pioneira na indústria de spas de luxo Canyon Ranch para inaugurar seu empreendimento mais recente, precisamente em Woodside, entre São Francisco e o Vale do Silício. A unidade californiana abriu as portas em 2019 no local onde antes funcionou o extinto retiro de saúde Skylonda Lodge, mas logo suspendeu as atividades em virtude da pandemia. Reabriu em 2020, pós-*lockdown*, aumentando o portfólio de hotéis-spa da rede – o primeiro foi aberto em Tucson, no Arizona, em 1979, seguido pela unidade de Lenox, em Massachusetts. A marca também firmou parcerias no mercado de viagem e hoje administra, por exemplo, instalações de spa em 22 companhias marítimas e no Venetian Resort, em Las Vegas, além de levar experiências de bem-estar literalmente às alturas: está presente em aeronaves da Singapore Airlines com ofertas de cardápios saudáveis e exercícios de alongamento.

Nada de dietas nem de cronogramas rígidos. A simples observação de animais silvestres ou os passeios de *mountain bike* podem ser suficientes para recarregar as baterias



RITMO PRÓPRIO

O Woodside Canyon Ranch é o primeiro spa-hotel da rede voltado exclusivamente para retreats. Instalado em um espaço físico menor, tem abordagem intimista, de spa-boutique, bem diferente do conceito desenvolvido nos estabelecimentos anteriores, que seguem dietas, atividades e cronograma rígidos. Na Califórnia, os hóspedes não são obrigados a participar de nada. São eles que definem de que forma o lugar pode contribuir para o próprio bem-estar, seja para combater o esgotamento, seja para encontrar solidão ou conexão, ou simplesmente para fugir da rotina.

Independentemente da meta escolhida, a localização da nova unidade é pedra fundamental dentro da jornada proposta pelo lugar, em busca de bem-estar físico e espiritual. Aninhado em uma floresta de sequoias acima do Skyline Boulevard, como é chamada a maior parte da extensão da State Route 35, o Woodside Canyon Ranch oferece vistas que correm pela natureza e propõe escapadas personalizadas de três, quatro ou sete dias, com regime *all-inclusive*. Em conexão total com o entorno, destacam-se 24 *treehouses*, com são chamadas as casas suspensas em palafitas, aproveitando a estrutura das árvores. Totalmente envidraçadas, ficam a 15 metros de altura e cercam a propriedade,

que soma 6,5 hectares e esconde tesouros como um belíssimo labirinto inspirado no da Catedral de Chartres, na França – o mais renomado do mundo, pelo cunho de proteção e de reequilíbrio.

Há também 14 quartos no edifício principal, no alto da colina, equipados com tablets que possibilitam o agendamento de atividades, tratamentos e aulas. São como ninhos perfeitos para desacelerar, reiniciar e reconectar com o que mais importa, com direito a banheiras design e camas forradas com enxovais da grife italiana Mascioni, adotada por vários dos hotéis mais luxuosos do mundo. Tudo em sintonia com os cinco pilares do bem-estar interativo: Saúde e Desempenho, Mente e Espírito, Fitness e Movimento, Nutrição e Alimentos, Spa e Beleza.

A partir deles, são propostas programações com temas distintos, como o Explorest Photography, que sugere um exercício para a descoberta da beleza sob diferentes perspectivas, durante caminhadas fotográficas guiadas pelo fotógrafo Andrew Wille. Já em Life Hacks to Beat Loneliness, conduzido pela escritora Jillian Richardson, aprende-se a desenvolver formas naturais de se conectar com outras pessoas. É recomendado para quem tem personalidade introvertida ou, por exemplo, aos que acabam de chegar a uma nova cidade onde vão morar.

Outro programa, Disconnect to Reconnect, foi



pensado para quem exagera na dependência de smartphones e tablets. A imersão no processo de desintoxicação digital dura um fim de semana, com sessões de *mindfulness*, aquarela e aromaterapia, prática de tai chi chuan e shinrin-yoku (em japonês, “banho de floresta”) e caminhadas diurnas ou noturnas. Os palestrantes são sempre profissionais reconhecidos em suas áreas e conectados com a filosofia interativa do Canyon Ranch.

As atividades também podem ser customizadas, com yoga e aulas de culinária, visitas a vinhedos ou fazendas, cavalgadas e passeios de *mountain bike*. E há quem prefira simplesmente passar as horas curtindo a sauna e a piscina, meditando ou recebendo os raios de sol filtrados pela luz das sequoias centenárias. A região, aliás, conta com exemplares milenares. Um deles tem idade estimada em quase 2 mil anos, e fica a 3 quilômetros do Woodside Canyon Ranch.

PRODUTOS DA TERRA

Seguindo a lógica local e os princípios de sustentabilidade, dieta e tratamentos são baseados nos produtos oriundos da selvagem costa californiana. Para o corpo, o tratamento Forest To Ocean utiliza sal marinho do Pacífico para desintoxicar e

esfoliar a pele, seguido de massagem com produtos botânicos recém-colhidos e bálsamo de azeite orgânico. A pele do rosto recebe limpeza à base de toranja rosa, gerânio e hortelã, seguida por uma esfoliação com máscara recheada de sementes de figo e enzimas de abóbora. Massagem e máscara hidratante composta por azeite e mel e aplicação de soro adaptado à pele de cada um concluem o tratamento, longo e indulgente.

E quem se hospeda precisa comer, certo? Novamente o orgânico e o sustentável põem a mesa, ancorados em pratos lúdicos e criativos de Isabelle Jackson Nunes, no The Hearth. A chef criou um programa culinário sem dietas austeras. E aproveita a impressionante oferta californiana de produtos saudáveis para elaborar cardápios a partir de produtos lácteos, frutas e legumes, carnes de animais alimentados com ervas e grãos, superalimentos e tipos diferentes de mel, entre outros. A equipe do restaurante, por sua vez, interage com agricultores e pecuaristas da região para acompanhar as diferentes etapas de cultivo e criação, oferecendo aos hóspedes vegetarianos, veganos e aos que comem de tudo uma experiência gastronômica deliciosamente sazonal, saudável e ética. 📍



Onipresente na paisagem local, a neblina que paira sobre o bosque pode ser admirada a partir de vários pontos do spa, como a piscina





C6BANK | mastercard

APRESENTA

PROUDLY

SEVILHA

Na Alameda de Hércules, que leva o nome do herói grego a quem a mitologia atribui a fundação de Sevilha, se concentra a cena LGBTQIA+ da cidade

POR ANDRÉ FISCHER

E stávamos curtindo Lisboa, mesmo com bares e clubes fechados por conta de mais uma onda da pandemia, quando bateu a vontade de um fervor. O destino mais prático – e próximo – era Sevilha, que no começo de 2022 mantinha completa sua agitadíssima vida noturna em esplanadas e espaços abertos. A área metropolitana mais quente da Europa beira os 45°C no verão – o que afasta boa parte de turistas e locais durante os meses da estação – neste inverno registrava temperaturas amenas, na casa dos 14°C. Não houve dúvidas na hora de fazer as malas e encarar 5 horas em uma *road trip* pela Andaluzia.

Começamos encontrando um estacionamento, já que o centro de Sevilha é bastante compacto, com ruas estreitas e muitas delas apenas para pedestres. A parte histórica tem entre suas principais atrações a impressionante catedral com a

torre da Giralda, construída sobre um minarete de uma mesquita islâmica do século 12, de onde se tem uma vista panorâmica da cidade. Bem próximo, fica o Alcázar, complexo de edifícios luxuosos e jardins majestosos que começou a ser erguido no século 8 pelos árabes e seguiu crescendo com novas construções por mais de mil anos.

Sevilha é tida como o berço da cultura gastronômica das *tapas* e há muitos lugares para desfrutá-las. Na Calle San Mateo, na parte mais turística, o ideal é pular de bar em bar experimentando as melhores porções de *rabo de toro*, *alcachofras crujientes*, *gambas al ajillo* e outras delícias, tomando gaspacho e sangrias. O destaque ali fica para Bodega Santa Cruz, La Sacristia e La Tradicional.

Um gigantesco cogumelo [leia mais em *Essencial*] marca a divisa entre o turístico centro histórico e o boêmio bairro Encarnación-Regina, com dezenas de bares sempre lotados, traçando um caminho etílico que leva até a Alameda de



FOTOS REPRODUÇÃO E UNSPLASH

Hércules. Essa esplanada grandiosa, que leva o nome do herói grego a quem a mitologia atribui a fundação de Sevilha, concentra uma infinidade de bares e restaurantes de todos os tipos. E também é ali que se concentra a cena LGBT. Na praça central, estão os populares bares 1987 e Dilema e, em uma rua lateral, a Calle Arias Montano, ficam El Barón Rampante e El Bosque Animado, com incontáveis *guapos* circulando pelas mesas. Quem busca ação encontra perto dali os bares El Bunker e Men to Men, para ursos.

Para informar a programação LGBT, a associação cultural Togayther mantém seu site e perfil no Instagram atualizados, além de produzir a SissyPop, baladinha certa com shows de drags e pista sempre animada. Para entrar no clima, assista à *Drag Race España*, versão espanhola do reality de RuPaul que teve como vencedora da primeira temporada a sevilhana Carmen Farala.

PRIDE

Orgullo de Andalucía é o nome oficial da Gay Pride de Sevilha, que pode não ter milhões de pessoas como a de Madri, mas garante diversão a seus 30 mil participantes. A edição de 2022 vai acontecer em 25 de junho, a partir das 20h30, partindo das ruas do centro histórico e terminando em uma megafesta na Alameda de Hércules.

ESSENCIAL

Setas de Sevilla, uma enorme estrutura de madeira – a maior do mundo – em forma de cogumelos ("seta", em espanhol) se tornou um marco da arquitetura moderna na Espanha. Com uma iluminação feérica à noite, tem um mirador que pode ser visitado das 9h à meia-noite. No térreo, fica o charmoso Mercado de la Encarnación, com produtos típicos da culinária andaluza, e o Antiquarium, com restos arqueológicos de ruas e casas da época romana. 📍

Acima, as *Setas de Sevilha*, maior estrutura de madeira do mundo. Na outra página, em sentido anti-horário, registro do Orgullo de Andalucía, como é chamada a Parada LGBT em Sevilha, e os bares El Barón Rampante e La Tradicional



ENSAIO

ADMIRÁVEL MUNDO SIMPLES

*Apaixonada por registrar múltiplos aspectos
de culturas remotas, sobretudo na Ásia, a fotógrafa
Carol da Riva revela como vivem pessoas simples,
conectadas com os ritmos naturais da terra*





Bali, Indonésia



Nusa Lembongan, Indonésia



Nusa Lembongan, Indonésia





Angkor Wat, Camboja



Amarapura, Mianmar

“Para os balineses, o arroz tem significado muito maior do que o de um alimento básico. É parte integrante da cultura local. Os rituais do ciclo de plantar, manter, irrigar e colher esse grão enriquecem a vida cultural balinesa.” A explicação é da fotógrafa paulistana Carol da Riva, com a percepção íntima de quem vive na Indonésia desde 2011 – o plano era ficar por apenas seis meses, mas a profissional se rendeu ao país. Aos 44 anos de idade, Carol é hoje cronista do estilo de vida e das tradições de antigas comunidades, e registra a saga dos povos asiáticos em situações cotidianas, como o cultivo de algas marinhas na Ilha de Nusa Lembongan, na costa sudeste de Bali. “Essa atividade ajuda a proteger nossos recursos costeiros remanescentes, construindo outra vida marinha e fornecendo meios de subsistência alternativos para os pescadores costeiros, que poderiam ter recorrido à pesca com cianeto e dinamite”, conta.

A fotógrafa gosta de se aproximar de pessoas ainda conectadas com os ritmos naturais da terra, mergulhando em sua simplicidade e conquistando sua confiança aos poucos. E ela consegue. Entra em diferentes casas, compartilha histórias e xícaras de chá, entende a luta de um povo com olhar antropológico. Depois, traduz o que enxerga e aprende em reportagens e ensaios sociais publicados

regularmente em jornais e revistas como *National Geographic*, *Vamos/LATAM*, *Marie Claire*, *ELLE*, *Euro-bike*, *Horizonte Geográfico*, entre outros.

Com esse propósito, Carol já viajou em missão por mais de 30 países, documentando culturas, minorias étnicas, meio ambiente, turismo, artes e arquitetura. “Trabalhar como fotógrafa de ONGs me deu o privilégio de observar como é a vida de uma ampla parcela da sociedade”, explica. “São tribos indígenas, órfãos, profissionais do sexo, agricultores de arroz e algas, pescadores, crianças menos privilegiadas, sem-teto e tantos outros.”

De tanto rodar o mundo, seus arquivos hoje somam mais de 200 mil fotos catalogadas, disponíveis em um banco de imagens para serem licenciadas para uso editorial ou comercial. Em Bali, além de trabalhar como colaboradora para diversos veículos de comunicação internacionais, ela compartilha o tempo entre os dois filhos, Tiago, com 17 anos, e Luísa, com 10, oficinas de fotografia e registros de templos antigos, mercados, aldeias rurais, campos de arroz e cerimônias. “Adoro trabalhar com gente apaixonada pelo que faz. Sinto que também estou fazendo a diferença.”

Neste ensaio, você confere registros de Carol da Riva em quatro países: Indonésia, Tailândia, Camboja e Mianmar. 📍



Amarapura, Mianmar



GASTRONOMIA

O MELHOR DO PIEMONTE, POR UM CASAL BRASILEIRO

Com base nas próprias paixões, Patricia Orem e Felipe Bianchi inauguraram, aos pés dos Alpes italianos, um hotel intimista que combina arte, gastronomia e pedaladas pelas rotas cênicas da região

POR ERIK SADAQ, de Mergozzo



A

região do Piemonte é o epítome dos sabores, da cultura e do *lifestyle* no norte da Itália. E foi aqui, precisamente às margens do Lago di Mergozzo, cuja água é classificada entre as mais limpas do país, o local escolhido pelo casal Patricia Orem e Felipe Bianchi para instalar o Casa della Capra. O simpático e diminuto hotel, com somente sete suítes, é um filho gerado pouco antes da pandemia, parte de um projeto da dupla que mirou em direção à tríade formada por novas formas de arte, pedaladas ao ar livre e boa cozinha. Combinação capaz de fugar muitos viajantes pelo coração.

A partir de Milão, a autoestrada que leva ao hotel percorre caminhos sinuosos, descortinando vales de deslumbrante vegetação, ora verdejante, ora cintilante, reflexo dos enormes lagos que cercam a região dos Alpes italianos. E, de repente, os cenários dos polos industriais de Milão e de Turim parecem memórias distantes. As fábricas de onde saem os queridos carrinhos 500 dão lugar a construções e ruínas, testemunhas do Império Romano e de reinos da Idade Média, por onde pequenos produtores exibem, orgulhosos, queijos e azeites premiados.

Ao chegar a Verbania, vilarejo obrigatório para a compreensão do jeito de ser piemontês, surge um sem-número de pequenos restaurantes, lado a lado, anunciando criações à base de ingredientes almejados por chefs de todos os cantos do globo. Entre eles, as cobiçadas trufas brancas de Alba, as mais caras do mundo, colhidas entre os meses de outubro e dezembro, e os cogumelos porcini, que dão as caras no fim do verão europeu de forma abundante. Para completar o panorama, charmosas livrarias, antiquários e galerias de artesãos



Passeios de *bike* por rotas cenográficas rendem bons exercícios para saborear sem culpa pratos como o risoto de aspargos com camarão (abaixo)



nascidos na região brotam por todos os lados.

O olhar começa a se acostumar ao cenário local quando se faz uma parada no Ca' del Mosto, restaurante situado em uma das pontas do Mergozzo. Ali, o primeiro Aperol spritz da viagem é a melhor pedida para brindar com antepastos saborosos. É uma pista ao paladar sobre os sabores que o aguardam, já que a vibe campesina e a energia autêntica promovidas pelo Casa della Capra ganharam forma enquanto o casal criador do projeto observava a vida local dos pescadores e seus barquinhos aportando no lago.

A hospitalidade idealizada por Patricia e Felipe é sentida logo na chegada, em pequenos luxos essenciais da decoração, que emana arte e vida, com peças produzidas por artistas elencados por ela para ministrar oficinas dentro do agitado calendário de primavera/verão do hotel. As brasileiras Marcella Riani e Nara Rosetto fazem parte desse grupo seletivo, que inclui a chilena

A gastronomia é o fio condutor que une as pedaladas e as vivências de arte organizadas pelo Casa della Capra

Fiorella Angelini, a italiana Giorgia Oldano e as irmãs suíço-brasileiras Kalina e Maja Juzwiak. Todas deixaram obras em uma galeria em mutação instalada nas áreas comuns do Casa.

Para não deixar dúvidas de que estamos em um *bike-hotel*, no átrio principal está pendurada uma magrela vintage da lendária marca Bianchi – o nome é apenas uma coincidência com o sobrenome de Felipe –, oriunda da lendária fábrica de Treviglio. A peça é pretexto para ótimos papos sobre a Revolução Industrial e o design italiano, curiosidades que a arquiteta de formação Patricia tem prazer em compartilhar. As modernas *bikes* híbridas utilizadas nos passeios, por sinal, permitem dar a volta no Mergozzo, ou seguir sem rumo pelas margens do Rio Toce e do Vale d'Ossola, sem suar demais a camisa. Aliás, para aproveitar ao máximo os roteiros propostos pelo hotel, é imprescindível se atentar à programação cultural e às atividades agendadas pelos proprietários, já que cada época destaca uma forma diferente de explorar passeios e atividades por caminhos próximos.

Apaixonado por gastronomia, Felipe se tornou expert nas iguarias do Piemonte, terra de seus ancestrais. Para criar o menu do restaurante do hotel, que é aberto a não hóspedes, desenvolveu uma ótima relação com produtores da região e proprietários de restaurantes daquele tipo em que só se consegue uma mesa com o aval de um



Na programação: oficinas de artesanato e passeios pela região para garimpar queijos de pequenos produtores e os típicos cogumelos porcini

morador. O próprio Casa se tornou uma estrela do roteiro *foodie* do norte da Itália, atraindo gente de metrópoles como Milão para concorridos jantares capitaneados por ele. O cardápio é meticulosamente preparado com produtos frescos e locais, considerando suas últimas descobertas e o desabrochar de delicados ingredientes.

A comida, a propósito, é, definitivamente, o fio condutor que une as pedaladas e as vivências de arte organizadas pelo Casa della Capra. Toda vez que um artista aporta no hotel, um menu especial é pensado para encorpar a experiência do *workshop* em uma comunhão que evidencia a receita da felicidade. E acredite: logo na primeira pedalada, fica clara a escassez do tempo planejado para curtir tudo que a região oferece.

É o próprio Felipe, aliás, quem conduz as *bike trips*, pousando em acomodações fora do mapa do viajante mais experiente, ou dormindo sob o céu estrelado dos Alpes, em acampamentos cuidadosamente montados para cada expedição. Tudo para descobrir os sabores de iguarias que germinam às margens de afluentes do Toce,

O hotel não tem spa, mas sobra conforto para observar as belas paisagens no entorno, sejam picos nevados dos Alpes, sejam barcos navegando pelo lago



difficilmente encontradas nas prateleiras dos melhores mercados. Salta aos olhos a quantidade e a qualidade de queijos e vinhos locais – o Piemonte é a terra do Barolo, do Barbera e do Barbaresco.

ENTORNO

Um dos bons passeios a fazer pela região passa pela cidade de Verbania e pelos parques às margens do gigantesco Lago Maggiore. A dica é aproveitar uma parada para almoço no surpreendente La Casera, um pequeno Eatly, com curadoria de alguns dos melhores queijos que você vai comer na vida, além de proporcionar compras de ingredientes que cumprem o dever de estender a lembrança na volta para casa. Aliás, prepare-se para dar conta de uma mochila pesada nos quase 10 quilômetros de pedalada na volta. Mas tenha a certeza de surpreender seus amigos quando estiver de volta em casa e servir a eles uma macarronada simples, finalizada com o azeite trufado de Alba garimpado nesse dia.

Ao combinar com maestria três paixões de muitos viajantes, Patricia e Felipe criaram experiências

singulares, capazes de inspirar jornadas em busca dos mais autênticos sabores locais. Liderada por Felipe, a caçada aos típicos cogumelos porcini no ponto mais alto do Monte Mottarone (1.491 metros de altitude), point de esqui desta parte dos Alpes italianos, pode significar uma verdadeira aula, com direito ao tilintar dos sinos de vacas maltesas soltas pelo caminho. Mas não caia na frustração, caso você não consiga encontrar os famosos cogumelos – dependendo do dia, a julgar pela quantidade de carros que costuma se concentrar na estrada, é bem possível que a maior parte deles já esteja disponível no mercado. Além disso, a caminhada àquela altitude serve de exercício para encarar, sem culpa, a maratona gastronômica no Casa.

OS JANTARES

Surpresas gastronômicas diárias são produzidas pelo chef Felipe para o fim do dia. Além do banquete preparado com ingredientes descobertos por ele, um recital de um violoncelista da filarmônica de Milão, por exemplo, pode acontecer sem

prévio aviso. O público assíduo do restaurante local é amigável e, inspirado pelo ambiente intimista e descompromissado criado pelo casal, interage noite adentro. O assunto principal costuma ser o cardápio proposto por Felipe, que sugere com frequência uma fusão entre pratos brasileiros preparados com ingredientes piemonteses e outros, de primeira linha, que ele importa cuidadosamente. Do famoso pastelzinho à picanha – assada com uma destreza de causar inveja a qualquer gaúcho.

Para relaxar após um dia inteiro de atividades, o tempo passado no Casa della Capra pede um ritual apropriado, já que não há spa no hotel. Depois de retornar de um passeio de *bike*, caminhada ou mesmo das compras diárias, um bom descanso na prainha montada às margens do Mergozzo e um mergulho em suas águas reluzentes proporcionam o descanso perfeito antes do jantar. E a jacuzzi no terraço é providencial para aquecer quando o sol se põe no lago ou para relaxar após as pedaladas diárias. A vista é tão hipnotizante que você terá dificuldade de sair de lá antes do pôr do sol.

INSPIRAÇÃO

Entre jantares, passeios de *bike*, expedições e *workshops* culturais, os deliciosos papos com Patricia e Felipe são parte integrante da experiência no hotel. É impossível não se encantar com a história do casal. Quando se conheceram, no Brasil, Patricia já estava com viagem marcada para um curso longo na Chelsea College of Arts, em Londres. Felipe havia concluído uma temporada na Itália, cursando a Italian Culinary Institute (ICIF), e não planejava retornar imediatamente ao Velho Continente. Com a sorte jogada ao destino, ele acabou pousando em Londres com todas as panelas. Nunca mais se separaram. Foi a partir do convívio na capital britânica que começaram a idealizar o Casa della Capra.

Não por acaso, o hotel foi instalado a poucos minutos da construção onde os primeiros Bianchi, ancestrais de Felipe, residiram até a Segunda Guerra. Ele é o primeiro do clã a retornar ao Piemonte. Na cerimônia de casamento, realizada pelo Lama paulistano Michel Rinpoche, cujo templo está localizado na subida dos





Área externa do restaurante, com vista para o lago. Abaixo, Felipe e Patricia, idealizadores do hotel



Alpes que se avista do Casa della Capra, Felipe ouviu um “bem-vindo de volta”. Provavelmente um daqueles casos de bons auspícios tibetanos. Realmente, era para ser.

A conexão e o senso de identidade com a região – segundo o Lama Michel, coisa de outras vidas – movem Patricia e Felipe na criação de novos programas. A energia colocada no Casa della Capra transformou o hotel em um daqueles lugares para visitar mais de uma vez.

Para este ano de retomada das viagens, por exemplo, já foi idealizado um roteiro especialmente para quem quiser jogar golfe nos campos deste canto dos Alpes, conferindo também muita arte, os sabores locais e as belas paisagens ao redor dos lagos do Piemonte, em deliciosas pedaladas. Apoiado no carinho e na dedicação dos fundadores, o Casa della Capra pode até ter uma história recente, mas já revela em tudo o que se propõe a fazer as bases sólidas de algo que se tornará longo. Vida longa ao Casa! 📍



Em sentido horário, a partir do topo à direita: bicicletas da marca Bianchi; a artista plástica brasileira Marcella Rian em frente ao mural de sua autoria; jacuzzi com vista para o lago e paredes que fazem as vezes de galerias



AVENTURA

QUÊNIA ON THE ROAD

De Nairóbi ao Parque Nacional Meru, uma viagem de carro pelo país mais importante do leste africano abre caminho para paisagens cenográficas que alternam horizontes inesquecíveis, savanas pontilhadas por animais selvagens, trajes coloridos de diferentes tribos e um sem-número de sorrisos de boas-vindas

POR CAROLINA SAGESSER FOTOS TUCA REINÉS



Meu imaginário sobre o Quênia justificava minha excitação antes de embarcar. Além de ser minha primeira viagem internacional pós-pandemia, o país africano é considerado a segunda casa da minha mãe, Corinna Sagesser, publisher da UNQUIET, que já viajou muitas vezes para lá. Ela própria não retornava desde 2019. A aventura, porém, era inédita para nós: viajar pelo país de carro, explorando a combinação de vida selvagem, cultura e cotidiano. Com tudo meticulosamente planejado – vacinação em dia, incluindo as doses necessárias contra a covid-19, malas pensadas à risca e algumas incertezas dentro delas –, partimos em direção à África. Eu só não sabia que aquela jornada seria também emocional.

O Quênia é um país localizado no leste africano, cortado pela linha do Equador e cercado por Sudão do Sul, Etiópia, Somália, Tanzânia e Uganda. Pousamos em Nairóbi, sua capital, que se parece com muitas outras cidades africanas: trânsito caótico, concentração máxima de pessoas e proximidade com parques nacionais habitados por muitos animais.

Nossa passagem pela cidade seria breve, já que o objetivo era percorrer o norte do país em quatro rodas. Aproveitamos para sacar uma boa quantidade de dinheiro, tendo em vista, pelo caminho, a compra de



Elefantes estão entre as espécies mais avistadas durante a viagem. Na página ao lado, OL Pejeta, em Laikipia, abriga os últimos rinocerontes-brancos-do-norte e cerca de 140 rinocerontes negros



Segera Retreat visto de cima, como um oásis, e o pôr do sol na savana. Na outra página, típicos postos de combustíveis e hotéis que pontilham o caminho

mercadorias locais e o ingresso em parques nacionais, estaduais ou áreas de preservação da vida selvagem. Para almoçar, escolhemos o jardim da casa da escritora dinamarquesa Karen Blixen (1885–1962), que ficou conhecida pelo pseudônimo Isak Dinesen. O lugar hoje abriga um museu, com o mesmo nome do restaurante, o Tamambo. De noite, foi a vez de relaxar com drinques e um belo jantar no premiado Talisman, que funciona na casa originalmente ocupada por Alan Root, famoso escritor e fotógrafo de vida selvagem.

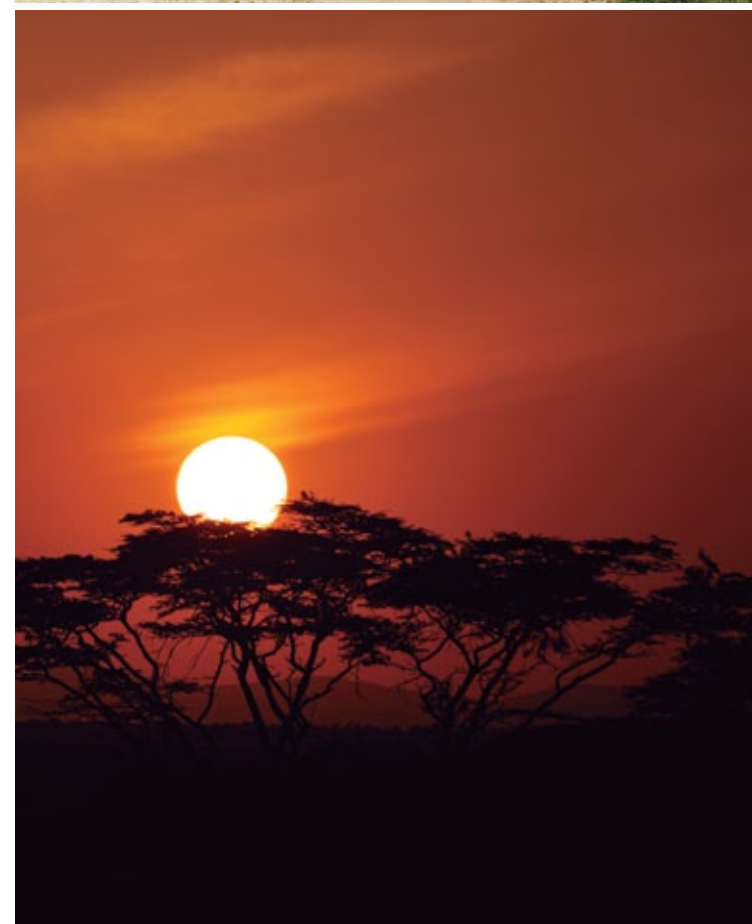
No dia seguinte, fomos apresentadas ao que seria nossa casa pelas próximas semanas: um carro 4x4 estilo safári, com três sequências de bancos, teto retrátil, cooler e litros de água potável. Era tudo de que precisávamos. Por mais que grande parte das estradas locais seja boa, existem alguns momentos em que a sensação ao dirigir é a de estar em uma montanha-russa. Além de dar conta dessas instabilidades, a versatilidade do veículo nos permitiu percorrer, nele mesmo, os parques nacionais e estaduais durante os *game rides*. Conosco, os melhores guias locais com quem poderíamos contar: os irmãos Paul e Samy Kasaine (kasaine@gmail.com), que organizaram todo o nosso roteiro, inclusive fazendo as reservas.

Dono da economia mais forte da África Oriental, o Quênia tem no turismo sua maior fonte de divisas, com a garantia de simpáticas boas-vindas em qualquer lugar por onde os visitantes passam. E fez toda a diferença contarmos com guias locais nos acompanhando durante a viagem. Com Paul e Samy, aprendemos muito sobre os costumes dos lugares por onde passávamos.

Graças ao trajeto desenhado pelos irmãos Kasaine, observamos diferentes animais, tipos de acomodação e incontornáveis horizontes. Avistamos zebras com listras grossas e finas, palmeiras e campos de grama verdejante e acácias com capim dourado. De hotéis com refeições servidas em buffet a lodges com almoço organizado em plena savana.

PONTO DE PARTIDA

Nossa casa móvel partiu em um domingo nublado rumo ao estado de Laikipia, no planalto central do país. Todo o percurso da estrada é beirado por vida. Um misto de pequenos estabelecimentos, barracas de feira, várias comunidades e animais domésticos, vacas, cabras e até camelos. Saltam aos olhos diferentes barbearias e hotéis curiosos. Também chamou a atenção a quantidade de trabalhadores rurais



vendendo uma incrível variedade de mercadorias nos acostamentos.

Ansiosos após 5 horas a bordo e 300 quilômetros dirigidos, avistamos o portão do Segera Retreat. “O resort mais luxuoso da África Oriental, situado numa gigantesca área mais de 22 mil hectares”, nas palavras do editor Fernando Paiva, em seu texto sobre o hotel publicado na edição 01 da UNQUIET. De fato, o lugar se parece com um oásis encravado na savana, com decoração de cair o queixo e um jardim que surpreenderia qualquer paisagista, além do conforto fora do comum. A comida, só de lembrar, é garantia de água na boca.

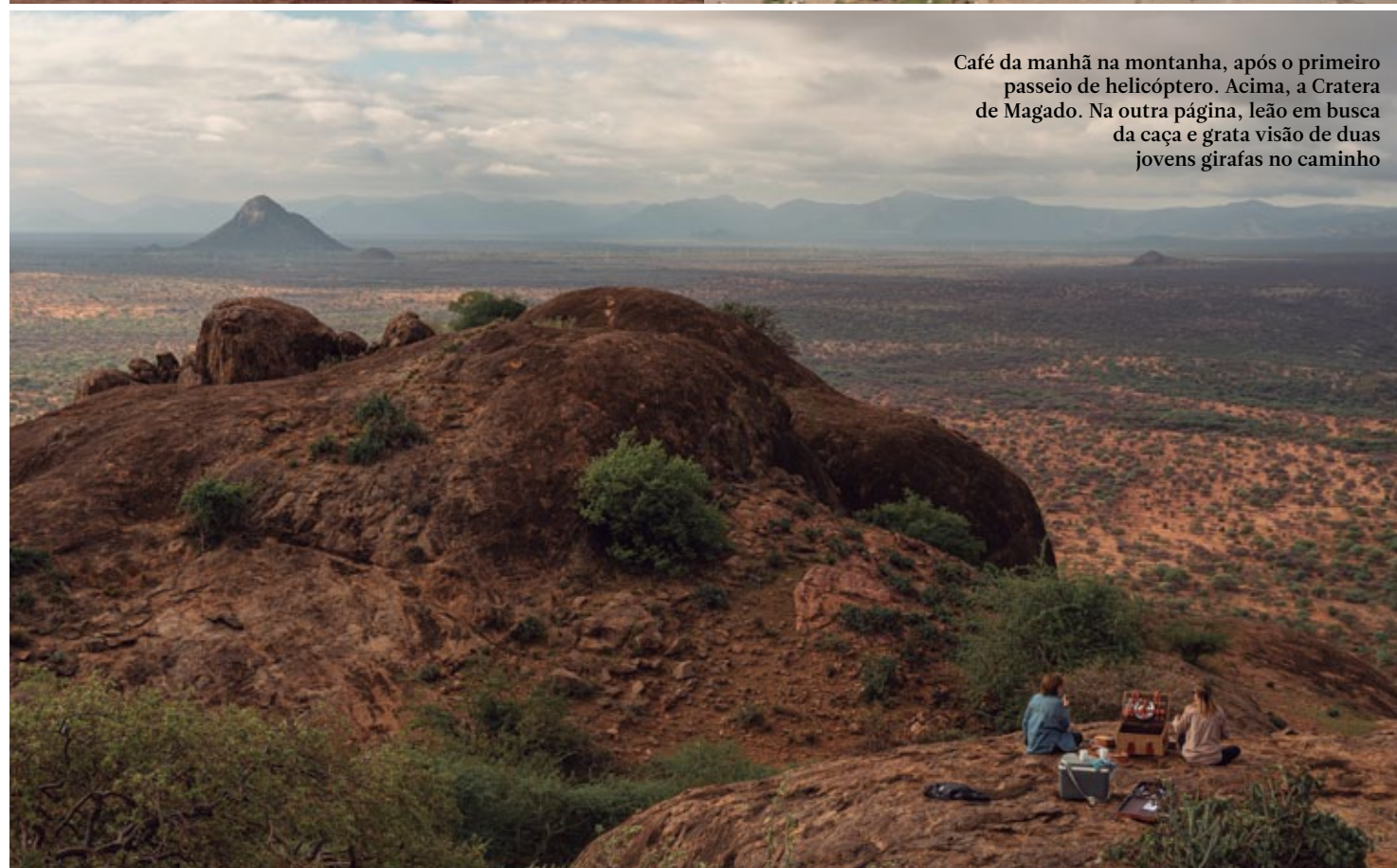
Munidos com máscaras, tentamos conter abraços saudosos e lágrimas de felicidade, sem sucesso. Aquela chegada representava uma espécie de volta para casa. Dos quatro integrantes do grupo, eu era a única a estar ali pela primeira vez, e nem por isso fiquei indiferente à energia contagiante do lugar. A emoção também foi grande por ser a hora de nos despedirmos de Samy e Paul, já que o hotel oferece carro para safári.



Almoçamos e descansamos na vila – uma casa de campo inteira para nós, com piscina, quartos e sala de estar. O luxo maior fica do lado de fora: a paisagem formada pela savana e os animais. O Seger, aliás, é um oásis sustentável para eles. É crescente a população das espécies que se desenvolvem naquele habitat. E há planos para introduzir muitas outras.

Quase sempre tendo o Monte Quênia no horizonte – o segundo maior da África, com mais de 5.199 metros de altitude, atrás apenas do Kilimanjaro, na Tanzânia, com 5.895 metros –, avistamos muitos grupos de elefantes, girafas e zebras. Mas o momento mais impactante aconteceu nos primeiros minutos do nosso safári, quando avistamos uma leoa se alimentando de uma zebra. Na manhã seguinte, também descobrimos dois leões indo à caça. Quem já fez safári sabe a raridade que esses momentos representam.

Outro ponto alto da nossa estada, desta vez literalmente, foi uma experiência extra de helicóptero. Optamos por contratar a Tropical Air e percorremos, no condado Samburu, a vastidão do Ewaso Nyiro – terceiro rio mais extenso do Quênia, com 700 quilômetros, atrás do Tana (mil quilômetros) e do Omo (760 quilômetros) –, na direção norte do hotel. Uma paisagem espetacular apreciada de cima, pontilhada pelos animais. Fizemos uma parada emocionante



Café da manhã na montanha, após o primeiro passeio de helicóptero. Acima, a Cratera de Magado. Na outra página, leão em busca da caça e grata visão de duas jovens girafas no caminho

para o café da manhã em uma montanha e seguimos voos para conhecer e nos emocionar no Reteti Elephant Sanctuary, orfanato de elefantes de zero a cinco anos de idade, que aos poucos são reintroduzidos na natureza.

A última parada – e a mais remota da minha vida – aconteceu na Cratera de Magado, preenchida com piscinas de sais que significam o sustento do povo local, o meru. Foi como entrar em outro mundo, onde vivem pessoas muito curiosas, abrigadas em casas encravadas no entorno da cratera, como cavernas. Como sempre, muito receptivas e orgulhosas do trabalho com os sais formados ali para vender nas redondezas.

CORES, DANÇA E EMOÇÃO

De volta ao lodge, aproveitamos ao máximo as experiências, que se renovavam a cada dia. Além de estar em total contato com a natureza, existe a possibilidade de interagir com a comunidade que forma o projeto Satubo, em uma aldeia de pastores de gado. A sigla é formada pelas sílabas iniciais de três etnias locais: samburu, turkana e borana, compostas apenas por mulheres. Financiado pela Fundação Zeitz, o projeto se desenvolveu para criar um negócio autossustentável e estimular o aumento da renda e da autoestima de suas integrantes. Foi um



Emocionante:
manada de elefantes
vista do helicóptero



Os elefantes bebês do Reteti Elephant Sanctuary. Na outra página, surpresa no café da manhã: a passagem de um grupo de quase 500 búfalos. Abaixo, uma das mulheres da Satubo Foundation

dos dias mais emocionantes que vivi. Vinte mulheres belíssimas, adornadas com múltiplas cores, visivelmente curiosas e felizes com nossa chegada, se aproximaram de nós cantando. Quando me dei conta, recebi um colar de uma delas, aparentemente representando uma coroa: um tecido branco impecável com os dizeres Naserian, que significam paz. Foi inevitável dançar, cantar e chorar. Uma energia cujo idioma é universal.

Fomos surpreendidas também por um almoço apetitoso, servido em plena savana: uma mesa bem posta, cercada por elefantes, comida caprichada de piquenique e um lounge montado para um breve descanso, enquanto ouvíamos a incrível história de Peter, um dos guias do lodge. Era a hora de partir para nosso próximo destino.

Após quatro dias, Samy voltou para nos buscar. O próximo destino ficava a pouco mais de 50 quilômetros dali, mas o suficiente para que o panorama mudasse bastante. Conforme os quilômetros são rodados, é mágico perceber as manifestações da identidade queniana por meio da criatividade presente, por exemplo, nas roupas dos habitantes. Todos, sem exceção, vestem muitas cores e criam, assim, um belo contraste com a terra seca. A rica personalidade local também estava presente na trilha sonora que Samy escolheu para embalar nossa viagem:

a música alegre e vibrante do Maasai Lemarti.

Pouco mais de 50 minutos de viagem e avistamos a entrada seguinte, no condado de Laikipia, entre o sopé dos Aberdare e o Monte Quênia: a OL Pejeta, uma área de preservação de vida selvagem sem fins lucrativos espalhada por 360 quilômetros quadrados. O lugar abriga os últimos rinocerontes-brancos-do-norte e cerca de 140 rinocerontes-negros, espécies seriamente ameaçadas de extinção, dada a atividade da caça ilegal. O santuário também tem um embaixador, o Baraka – “bênção”, em suaíli, dialeto mais comum no país, que tem como língua oficial o inglês. Trata-se de um rinoceronte-negro que perdeu a visão durante uma briga e depois de uma catarata.

ELEFANTES E BÚFALOS

A caminho do *camp*, assim como aconteceu em todos os safáris que fizemos, avistamos mães de várias espécies acompanhadas de seus filhotes. Por se tratar de uma área de preservação, há diferentes estilos de acomodação, desde o acampamento até aluguel de casas privativas. Nossa escolha foi o Sweetwaters Serena Camp, uma propriedade cercada, com 50 tendas simples e confortáveis espalhadas pela savana, e um restaurante bem no centro delas, em um ponto estratégico, em frente a um bebedouro gigante,



que foi palco de momentos memoráveis. Um deles aconteceu quando um bando de elefantes se aproximou com um filhote com poucos dias de vida, que brincava muito enquanto se encontrava em seus primeiros passos. O segundo, quando uma manada com mais de 500 búfalos passou perto, formando uma fila quase interminável: queriam se refrescar e beber água. Foram apenas duas noites e não conseguimos fazer tudo o que o lugar oferece, de safáris noturnos a visitas ao santuário dos chimpanzés.

Seguimos em direção ao condado de Isiolo, no nordeste do país: 154 quilômetros percorridos em aproximadamente 4 horas de viagem. A curiosidade de ver tudo pelo caminho é o melhor estimulante para evitar o sono na estrada. No trajeto, começamos a ver várias pessoas vestidas com trajes muçulmanos (80% da população do Quênia é cristã). Estávamos prestes a passar pela cidade homônima ao condado, em uma região próxima à Somália, país onde o islã é a religião oficial. Por isso, é comum a presença de imigrantes somalis, trazendo suas influências culturais. É muito interessante como tudo pode mudar em questão de minutos pela janela do carro.

A caminho do Elephant Bedroom Camp, nossa hospedagem seguinte, atravessamos áreas de pequenas tribos samburu e logo avistamos um portão com o desenho de uma girafa. Era a entrada da Reserva

Cores, cantos e danças:
as boas-vindas repletas
de sorrisos e alegria
da tribo Samburu



Nacional Samburu, com seus 165 quilômetros quadrados de área cortada pelo Rio Ewaso Nyiro, condição geográfica que muda o ambiente completamente: fica mais colorido, com vegetação mais abundante e clima mais quente. As espécies de alguns animais também mudam: encontramos entre eles zebras-de-grevy, com linhas mais finas no corpo, girafas-reticuladas, também conhecidas como girafas-da-somália, e gerenuks, que são antílopes também chamados de gazelas-girafas. Foi ainda a primeira vez na viagem em que avistamos avestruzes.

O hotel foi construído à beira do rio, emoldurado por palmeiras-doum, cujo tronco se abre em forma de “y” e é frequentado pelos famosos pássaros calau (como o Zazu, personagem de *Rei Leão*), e por muitos macacos. O Elephant Bedroom é exatamente como o que imaginamos quando pensamos em hotéis de aventura na África: estilo tenda, com piscinas privativas nos quartos, decoração incrível e colorida, cheia de detalhes fazendo referência à cultura local. Além de, claro, a possibilidade de receber visitas de animais a

qualquer hora. Até por isso, é proibido sair do quarto à noite sem um ranger. Às vezes, é preciso mudar o trajeto para a área principal. Ou, quem sabe, receber uma massagem, relaxando ao som de suas pisadas.

Passamos uma manhã inteira conhecendo a cultura e o cotidiano da tribo samburu, uma das mais tradicionais do país, cujos integrantes vivem como pastores seminômades, no norte-central do Quênia. Seguindo a tradição, fomos recebidos mais uma vez com muita música e alegria, dignas de quem deseja apresentar seu mundo a alguém de fora. Os outros dias foram preenchidos com safáris, principalmente em busca de leopardos e chitas. Após uma chuva surpreendente no fim da tarde, seguida de uma noite de muita água e vento, acordamos com o rio totalmente transformado: muito fluxo e abundância. Já era hora de partir para o último destino, bem cedo, quando avistamos uma belíssima e elegante chita, com as típicas pintas pretas e cauda longa, procurando algo para se alimentar.

À PROCURA DOS LEOPARDOS

Horizontes diferentes se sucederam ao longo de novos



Grupos de gerenuks surpreendem no trajeto, percorrido pelo Mitsubishi 4x4 com segurança e conforto. Na outra página, uma chita à procura de caça

170 quilômetros de estrada no sentido leste, rumo ao condado de Meru. Subimos e descemos montanhas, com temperaturas que alternavam entre frio e calor em questão de minutos. Passamos por menos vilarejos, avistamos mais vida rural e, para nossa surpresa, muitas escolas. Rostos nos encarando logo eram convertidos em largos sorrisos interessados. A sensação era a de que pouquíssimos turistas fazem esse trajeto, e a rotina pacata se preenche com alguns segundos de algo fora da curva.

Logo adentramos o Parque Nacional Meru, o mais distante de todos, com cores mais douradas, árvores mais verdes e menos visitantes. Na área imensa, de 870 quilômetros quadrados, apenas um lodge, o Elsa’s Kopje. De longe, era possível enxergar a montanha onde ficaríamos, mas impossível avistar seus quartos. Motivo: por terem sido projetados em sintonia com o entorno e respeitando o meio ambiente, são facilmente confundidos com pedras. Todos únicos, diferenciados pela vista: pôr ou nascer do sol. Um lugar adoravelmente confortável, com restaurante ao lado de uma piscina de borda infinita e vista imponente para a região. Por se tratar de um lugar com muitas pedras, tínhamos sempre a companhia dos rock hyrax, animais parecidos com marotas. Inofensivos e muito barulhentos, podiam ser encontrados por toda parte.

Agora, só nos faltavam os leopardos. Conseguir avistá-los é uma atividade única no local e

procuramos por eles em todos os safáris, buscando em árvores, beiras do rio e sombras, sem sucesso. Mas a falta de sorte de não ter visto esses animais abriu caminho para a observação de uma inesperada caçada de leões. Enquanto parte do grupo estava no topo da montanha para assistir ao nascer do sol, eu, minha mãe e Samy dirigíamos pela savana, quando enxergamos dois leões adolescentes e sua mãe, em busca do, digamos, café da manhã. Logo à frente, uma manada de zebras desavisadas aguardava por eles. Ficamos observando por mais de meia hora, até decidirem tentar ataque, que, ao acontecer, não teve sucesso. Mas a adrenalina por ter visto a poeira levantar, as zebras gritarem e os leões arquitetarem todo o plano, foi a mil. Uma cena inesquecível para terminar nossas buscas pelos animais.

Na manhã que sucedeu um jantar à luz da lua, começaram os preparativos para nossa volta a Nairóbi. Os 380 quilômetros percorridos em 8 horas de estrada desta vez eram diferentes. As conversas foram substituídas pelo silêncio e o entusiasmo pela paisagem, intercalado com sonecas. Apenas um som deixava o ambiente menos melancólico: os acordes da música Maasai.

O último dia foi ocupado pela visita a Sheldrick Wildlife Trust, fundação de elefantes bebês e adolescentes nos arredores da capital. Com horário marcado, tivemos uma hora para vê-los de perto, conhecendo as histórias emocionantes de seus



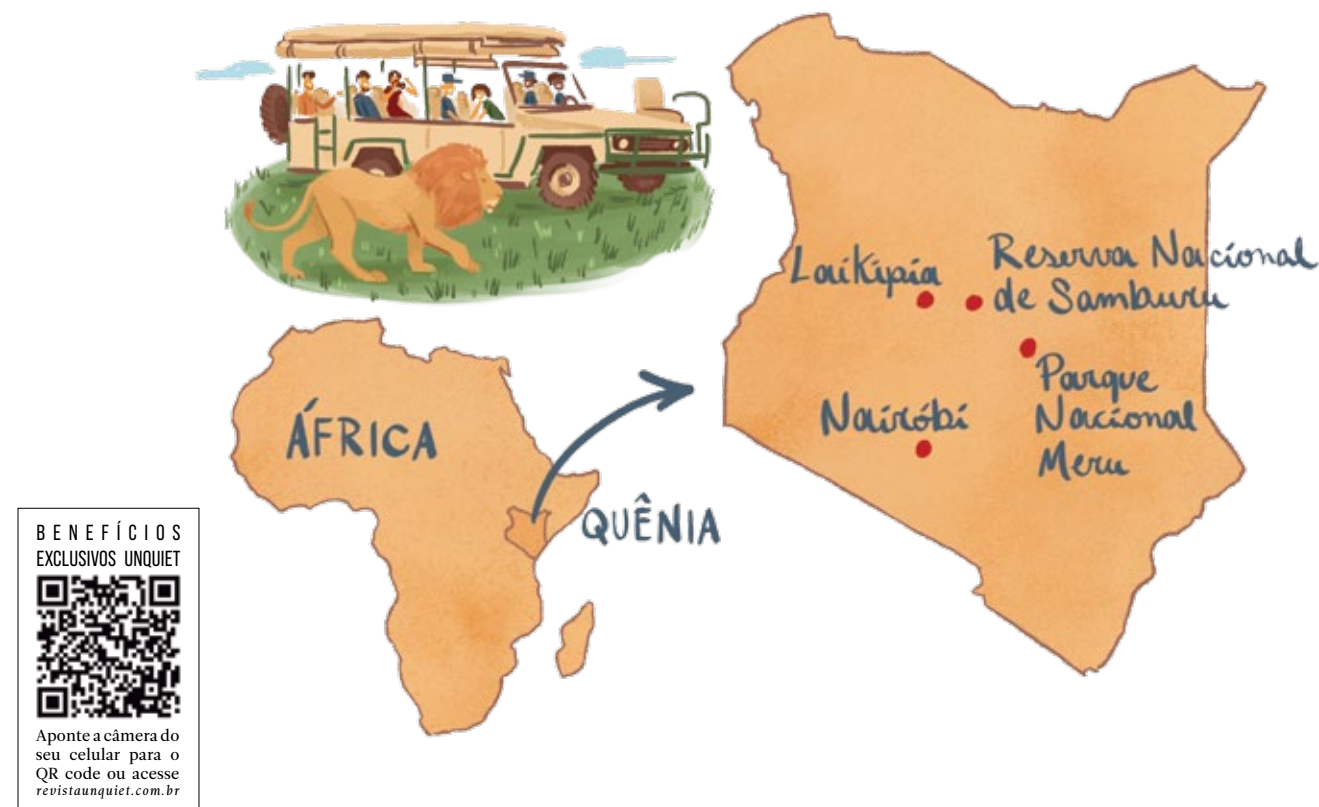
resgates. E descobrimos que é possível ajudá-los por meio de uma adoção, através da qual você recebe notícias mensais sobre o bem-estar dos animais. Almoçamos na charmosa fazenda Cultiva, com a maioria dos alimentos cultivados e preparados lá. No retorno ao hotel, antes de seguirmos para o aeroporto, fomos surpreendidas por presentes de Paul, muitos agradecimentos e algumas lágrimas. Mas com a promessa de que logo voltaremos.

Observar o cotidiano de um país com a maior parte dos 2.285 quilômetros rodados cheios de vida, chegar a lugares inóspitos, inacessíveis por avião, e viajar por horas e horas com dois habitantes locais garantem descobertas que trazem aprendizados para uma vida inteira.

Se você optar pela aventura de viajar pelo Quênia de carro, pode ter certeza: vai voltar transformado. Escrevo essa frase diretamente do último trajeto. Agora, se rodar o país de carro não faz parte dos seus planos, opte pelos aviõezinhos, que encurtam as distâncias. Mas para que pressa quando pode-se aprofundar em um país? 📍



A cabana charmosa do Elephant Bedroom Camp. No alto, uma das villas no Segera. Na outra página, o lounge do Elewana Elsa's Kopje Meru para animados *happy hours* pós safáris



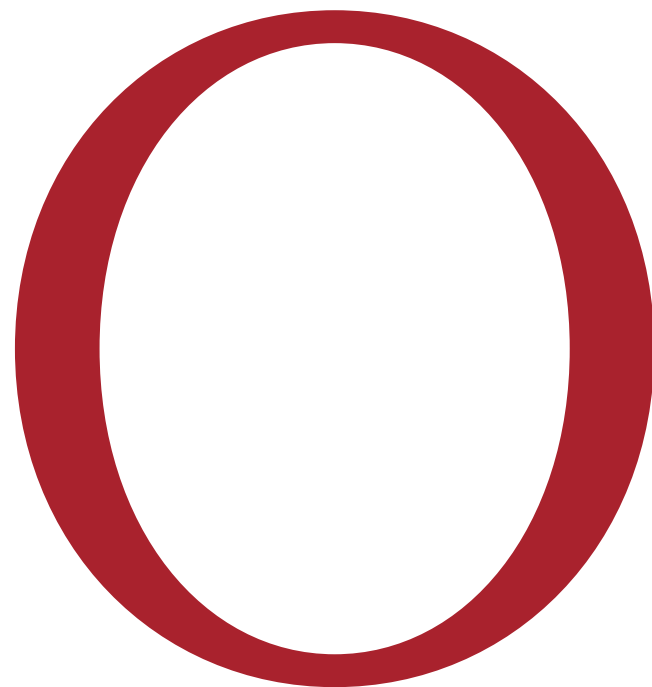
ENTREVISTA

Britta & Kent Lindvall

Os idealizadores do Treehotel, na Lapônia sueca, falam sobre o sonho de desenvolver uma capital do turismo sustentável

POR ERIK SADAQ





Um dos quartos do Treehotel, The Cabin fica no alto de uma encosta íngreme

casal Britta e Kent Lindvall não imaginava o impacto que seu Treehotel causaria na pequena Harads, um dos segredos mais bem guardados da Lapônia sueca. O vilarejo de cerca de 600 habitantes teve a rotina alterada com a chegada de viajantes de todas as partes do mundo, atraídos pelas cabanas construídas nas árvores seculares de uma floresta da região – todas assinadas por grandes nomes da arquitetura escandinava.

Sem nenhuma experiência na área da hospitalidade ou do design, a enfermeira Britta e o professor de ensino médio Kent, moradores da pequena Harads desde o nascimento, criaram um hotel que figura constantemente nas listas de lugares mais incomuns – e queridos – do planeta [veja reportagem sobre o Treehotel na página 70 nesta edição]. Doze anos após a inauguração, o lugar inspira empreendimentos originais na Lapônia, fundamentando os pilares de um sonho de seus fundadores: transformar o destino em uma capital do turismo sustentável.

Nós conversamos com o casal, que se prepara para inaugurar o primeiro quarto assinado por um arquiteto dinamarquês e não descarta o projeto de um profissional brasileiro futuramente. “Espero que a UNQUIET possa nos indicar algum bom”, brinca Britta. Confira a seguir.

UNQUIET_ Vocês nunca haviam trabalhado com hospitalidade e mesmo assim criaram uma experiência ímpar na arte de receber. A hospitalidade é algo que se pode aprender?

Britta – Para nós, a regra é simples: sermos nós mesmos e enxergarmos os hóspedes como convidados na nossa casa. Depois de alguns anos nos dedicando ao hotel, conhecendo pessoas do mundo todo, observando e identificando seus desejos e expectativas, considero que a hospitalidade pode ser aprendida, desde que na prática. Também acho que hoje nem todos podem trabalhar nesse setor.

Kent – Até hoje estou aprendendo [risos].

A saga de vocês rumo à construção do hotel é inspiradora, com um convite feito a três arquitetos às margens do Volga, na Rússia, para desenvolver casas nas árvores, em projetos independentes. Vocês tinham certeza de que eles embarcariam no projeto?

Britta – Como todos já eram amigos de pescaria, antes de embarcar eu disse ao Kent para levar a ideia, desenhar, mostrar ao grupo, para ver o que acontecería.

Kent – Não imaginava que fossem topar. Ou melhor, um deles, eu tinha certeza de que aceitaria, mas jamais imaginei que receberíamos o apoio de todos os três. Eles enxergaram no projeto a oportunidade de construir algo que normalmente não construiriam.

E hoje já há arquitetos que se convidam para criar uma casa na árvore?

Kent – Sim! E eu, que não entendia nada de design, hoje recebo com frequência novos projetos para analisar.

Britta – Os arquitetos percebem que uma casa na árvore aqui pode ser uma vitrine. Mas queremos

seguir um ritmo sustentável e construir novos quartos aos poucos, para garantir que todos possam comer confortavelmente na pousada e aproveitar as atividades.

E há alguma nova casa em construção?

Kent – Sim. Vamos inaugurar o primeiro quarto assinado por um arquiteto dinamarquês. É curioso, mas a Dinamarca é o único país da Escandinávia ainda não representado no Treehotel. Garanto que será algo que vai fazer brilhar os olhos de fãs da arquitetura e do design.

Britta – Mas ainda é um segredo. Só vamos revelar na primavera!

E há planos para arquitetos de outros países? Talvez um brasileiro [risos]?

Kent – Definitivamente, sim. Nós queríamos ter todos os países da Escandinávia representados no hotel primeiro. Espero que a UNQUIET possa nos indicar algum bom!

Temos bons amigos arquitetos!

Britta – Desde que possamos manter o ritmo de crescimento sustentável, preservando a cultura da nossa cidade e o meio ambiente, estamos abertos.

Harads é uma cidade pequena, onde é possível, literalmente, conhecer todos os habitantes. Como vocês enxergam o impacto local do hotel?

Kent – Com a chegada dos primeiros visitantes, o estranhamento no vilarejo foi geral. Cafés e restaurantes que frequentamos desde pequenos passaram a receber pessoas fazendo pedidos em inglês. A cidade não sabia o que era o turismo porque sempre fomos um ponto no caminho para destinos do norte da Lapônia. Nem de longe tínhamos a estrutura de atividades da nossa vizinha Finlândia.

“Cafés e restaurantes que frequentamos desde pequenos passaram a receber pessoas fazendo pedidos em inglês. A cidade não sabia o que era o turismo”

Britta – Sentimos que colocamos a região da Lapônia sueca no mapa. Com o desenvolvimento local, enxergamos um número cada vez maior de jovens que querem retornar para cá após os estudos para trabalhar. As pessoas agora têm orgulho de viver em Harads e acreditam no futuro.

Vocês chegaram a sentir resistência por parte da comunidade?

Britta – Por algum tempo, fomos motivo de boas risadas. Onde quer que fôssemos, éramos reconhecidos como o casal do disco voador.

Kent – No mercado, no posto de gasolina... todos faziam piadas. Mas eram piadas daquelas que são feitas entre amigos. Todos torceram para nosso projeto dar certo. Poucos imaginavam o que estava para acontecer.

Britta – Nem nós sabíamos ao certo. Construímos as quatro primeiras casas pensando nos clientes que já tínhamos: suecos e outros escandinavos que vinham para cá fazer *trekking*.



E acabaram salvando uma floresta inteira...

Britta – E isso acabou dando base ao nosso propósito sustentável. Não queríamos ver nossa cidade se transformando em um polo industrial.

Kent – Quando a comunidade soube que o hotel salvaria a floresta, o apoio foi total. Por isso, todos aqui têm um carinho muito especial pelo que fizemos.

Vocês têm planos de transformar Harads em uma capital de turismo sustentável. Podem contar um pouco mais?

Britta – Nós trabalhamos duro para ser um destino sustentável e estamos envolvendo e educando todos os hotéis e fornecedores de atividades na natureza, garantindo a eles uma certificação baseada em como desejamos moldar nosso vilarejo. Queremos oferecer uma experiência autêntica de estilo de

vida no Ártico. Nosso cotidiano é profundamente enraizado na relação que temos com a natureza. É isso o que desejamos compartilhar com os visitantes.

Kent – O próximo passo será envolver o hóspede para contribuir com a comunidade local e participar do projeto de economia de recursos naturais locais capitaneado pela Britta.

Vocês podem citar algumas das iniciativas sustentáveis que criaram para o Treehotel?

Kent – Acredito que somos o único hotel do mundo que utiliza banheiros de combustão, que incineram dejetos a uma temperatura de 600°C. As casas com chuveiro são equipadas com o modelo orbital, capaz de economizar 80% da energia e 90% da água, em relação às duchas comuns. Também não construímos linhas de esgoto, o que destruiria as raízes das

árvores. Todas as casas têm seu próprio sistema de energia.

Britta – E Kent ainda implementou o “ruka moika”, um reservatório de água russo que libera a quantidade exata para a lavagem das mãos!

Soube que esse reservatório se tornou campeão de vendas da lojinha do hotel...

Britta – Sim! Muitos hóspedes querem levá-lo para casa, para instalar em áreas ao ar livre. Kent é nosso melhor designer...

Kent [tímido e mudando de assunto] – Nossa principal ideia sempre foi integrar as casas na floresta sem afetar a natureza.

Kent, você é corresponsável pelo Arctic Bath, hotel-spa flutuante no Rio Lule, tão original quanto o Treehotel, certo?

Kent – Sim. Investidores nos procuraram para ajudar na criação do Arctic Bath. Nosso



“Trabalhamos duro para ser um destino sustentável e estamos envolvendo e educando todos os hotéis e fornecedores de atividades na natureza”

No alto, o Arctic Bath, projetado em forma de ninho. Na outra página, trenó puxado por cães: a neve por um novo ângulo

amigo de longa data, o arquiteto e designer de produtos Bertil Harström foi chamado para desenhar o hotel. Queríamos algo que dialogasse com o Treehotel. Por isso, o formato de ninho, que remete ao quarto que ele criou para nós. Foi uma nova aventura fazer a estrutura flutuar no Rio Lule. Inauguramos durante a pandemia e só agora passamos a receber hóspedes, portanto, é a grande novidade de Harads.

Britta – O Arctic Bath combina perfeitamente com o nosso hotel. Apesar da proximidade, as vivências são completamente diferentes. Recomendamos a todos que passem alguns dias na floresta e depois mudem para as margens do rio, onde é possível dar um mergulho depois de uma sauna.

E o que mais o leitor UNQUIET pode experimentar em Harads?

Kent – Os jantares que oferecemos sobre o rio congelado no inverno são meus favoritos, principalmente quando as auro-ras aparecem. É possível aprender bastante sobre a cultura do povo sami [grupo étnico nativo da Lapônia], em safáris de alce ou explorando a região em trenós puxados por cães husky ou, ainda, em snowmobile.

Britta – Apreciem o design integrado à natureza do Treehotel, fazendo caminhadas no inverno ou aproveitando o Rio Lule em passeios de caiaque no verão. Desconectem nos quartos e deixem para postar tudo depois!

Finalmente, o que é ser UNQUIET para vocês?

Britta – Eu diria que é desenvolver experiências autênticas e únicas para nossos convidados.

Kent – É continuar descobrindo e aprendendo coisas. 📍

A alegria de voltar para casa

Lugares são um pouco como seres humanos. Alguns estão na nossa vida só de passagem. Outros são tão especiais que sentimos vontade de ficar e fazer morada

POR ROSANA HERMANN ILUSTRAÇÃO RIMON GUIMARÃES

Quando cheguei a Reykjavík, já tinha feito a lição de casa. Assisti a séries policiais e documentários islandeses, fiz rotas virtuais no Google, reli lendas sobre vikings e vi muitos vlogs de nativos e imigrantes. Tenho o hábito de consumir um tanto de teoria antes de viver o local na prática, mas foi durante a pandemia que descobri que viajo do jeito como agora trabalhamos, isto é, de forma “híbrida”: uma parte presencial e outra em casa.

Sempre acreditei que a informação potencializa as experiências sensoriais, exatamente como acontece com os cardápios de restaurantes. Para mim, o texto do menu é o primeiro passo para degustar o prato. Arrisco dizer que a descrição antecipa a produção das enzimas para digerir aquele alimento específico.

Além das dicas de viagem que pego com amigos e em publicações especializadas, também busco aplicativos e pessoas locais em redes sociais. Foi assim que passei a seguir o perfil oficial da Polícia Metropolitana de Reykjavík no Instagram. A conta @logreglan, que virou um sucesso mundial e tem quase 200 mil seguidores, é o oposto de tudo o que esperaríamos da polícia. Tem fotos divertidas, descontraídas, com homens e mulheres de farda fazendo graça, mostrando cachorro, boneco de neve e arco-íris. Tem até policial segurando um patinho bebê. O conteúdo divertido tem uma clara explicação: a Islândia é um dos países mais seguros do mundo, com uma das menores taxas de criminalidade, o que deve garantir bastante tempo livre para a produção de conteúdo fofo. O país não tem exército, os policiais não andam armados e a pequena população de 325 mil habitantes tem um dos maiores índices de igualdade do mundo, em todos os sentidos.

Fiz todos os passeios de carro recomendados: as trilhas com cachoeiras impressionantes, gargantas com rios indescritíveis, praias de areia negra, geleiras, banhos de água quente, visitas a vulcões de nomes impronunciáveis, como aquele que fechou o espaço aéreo da Europa e me deixou retida dez dias em Berlim, em abril de 2010, o Eyjafjallajökull. Visitei museus, observatórios, ouvi concertos de órgão em igreja, comi bem e desfrutei dos longos dias de quase 22 horas de sol no verão. E, claro, como tricoteira, quase chorei de emoção com as lojas de lã em Reykjavík.

Em dado momento, quase sempre no fim da viagem, fiz a mesma pergunta que me acompanha aonde quer que eu vá, seja em Bangkok, Tallinn, Tel Aviv ou Sorocaba:

— Eu moraria aqui?

Porque há lugares para onde se vai sempre que possível, para desfrutar de tudo, como Nova York ou Paris. Há outros que fazem mais sentido em determinadas estações, como o verão em Koh Phi Phi ou o outono em Toronto. Há também os que se visita apenas uma vez. E alguns que, talvez, nem queremos conhecer.

Mas... e morar? Eu moraria nesse lugar, dormiria e acordaria ali todos os dias, trabalharia, faria amigos, plantaria uma árvore, cultivaria um jardim?

Lugares são um pouco como seres humanos. Alguns estão na nossa vida só de passagem. Outros são tão especiais que sentimos vontade de ficar e fazer morada. E toda a nossa busca é por essas pessoas e lugares no mundo, que nos trazem paz e conforto, que nos libertam para sermos quem somos. São os lugares e pessoas que, a cada viagem, nos dão a indescritível alegria de voltar para casa. 📍



Inspiradores



GETTY

RICHARD FRANCIS BURTON (1821-1890)

Haja fôlego para sequenciar verbalmente o número de atividades, idiomas dominados e lugares visitados por Sir Richard Francis Burton. Viajante inquieto, cientista, militar, linguista, etnólogo, orientalista, mestre sufi, diplomata, esgrimista, geólogo, antropólogo, escritor e poeta, era fluente em 29 línguas e 42 dialetos. E, portanto, foi também tradutor. Como tal, descobriu para o Ocidente o *Kama Sutra* e verteu para o inglês obras como *As Mil e Uma Noites*, *Os Lusíadas* e *Iracema*, entre muitas outras.

Do alto de suas múltiplas aptidões, o explorador britânico nascido na cidade inglesa de Torquay não passaria despercebido na Inglaterra vitoriana. Além de diplomata – atividade pela qual foi cônsul em Santos (SP) e viajou pelo Brasil como poucos, de Minas Gerais à Bahia, do Rio São Francisco ao Vale do Ribeira – tornou-se agente secreto do Império Britânico e foi contratado pela Coroa, da qual recebeu incumbências como descobrir as nascentes do Rio Nilo. Era um

mestre na arte do disfarce. Morou na Índia, onde conviveu com faquires e videntes, foi o primeiro não muçulmano a chegar a Meca, disfarçado de peregrino, lutou no Afeganistão e foi ao front da Guerra do Paraguai. Entre muitas, muitas outras façanhas.

Traçava um sem-número de anotações em suas expedições pelo mundo: topografia, curiosidades sobre idiomas e costumes, e até mesmo sobre o comportamento sexual dos habitantes locais – ato corajoso e provocador durante a puritana era vitoriana. Deixou às Ciências Humanas e Ambientais preciosas declarações de viagens. E teria deixado muito mais, não tivesse sua esposa, Isabel, ordenado queimar seus incontáveis diários, notas e documentos acumulados durante 40 anos de viagens e pesquisas. Isso aconteceu logo após a morte de Burton, que foi vítima de infarto em Trieste, na Itália, onde trabalhava como cônsul. O ato foi justificado pela viúva como defesa da reputação e da memória do marido. 📍

Regent
SEVEN SEAS CRUISES®
UMA EXPERIÊNCIA INCOMPARÁVEL

UPGRADE & EXPLORE

UPGRADE de 2 Categorias de Suíte
INCLUSO em até 12x sem juros

EM VIAGENS SELECIONADAS PELO
MEDITERRÂNEO E NORTE DA EUROPA

Agora é o momento perfeito para reacender seu desejo de viajar com um **Upgrade de 2 Categorias de suíte INCLUSO** em viagens selecionadas para o Mediterrâneo e Norte da Europa em 2022. Aprimore sua experiência com mais espaço, mais benefícios inclusos e mais oportunidades de desfrutar enquanto estiver a bordo da Frota Mais Luxuosa do Mundo.

Há tantas maneiras de aproveitar ao máximo suas férias com a *Regent Seven Seas Cruises*®.

UPGRADE & EXPLORE – reserve sua suíte até 30 de abril de 2022.

VISITE [RSSC.com/Upgrade-and-Explore](https://www.rssc.com/Upgrade-and-Explore) ou contate seu agente de viagens.



VENEZA A MONTE CARLO

Seven Seas Voyager®

11 Out 2022 | 10 noites

Até 78 Passeios Terrestres INCLUSOS

Portos visitados: Veneza, Zadar, Bari, Corfu, Siracusa (Sicily), Valetta, *No Mar*, Palma de Mallorca, Barcelona, Provence (Marseille), Monte Carlo

e mais **UPGRADE DE 2 CATEGORIAS DE SUÍTE INCLUSO**

PARA MAIS INFORMAÇÕES:



Abra a câmera em seu dispositivo e escaneie o código para saber mais

Termos e Condições: A oferta UPGRADE & EXPLORE tem capacidade controlada e se aplica a novas reservas feitas apenas entre 01 de março e 30 de abril de 2022. Os hóspedes receberão um upgrade de 2 categorias de suíte INCLUSO nas viagens aplicáveis*. A disponibilidade é limitada e são aplicadas restrições – as viagens aplicáveis estão sujeitas a revogação a qualquer momento, sem aviso prévio. O maior upgrade disponível é para uma suíte Penthouse (categoria A). Mencione “EXPLORE” no momento da reserva. Para consultar os Termos e Condições completos, acesse www.rssc.com/legal/terms-conditions. *Para obter uma lista de viagens e categorias de suítes aplicáveis, acesse [RSSC.com/Upgrade-and-Explore](https://www.rssc.com/Upgrade-and-Explore).

Já parou pra pensar
o que significa ter
benefícios padrão Safra?

QUEM SABE, SAFRA.

Peça um cartão de crédito Safra
e tenha o Safra Rewards, o programa
de recompensas exclusivo, além
do acesso ao Espaço Banco Safra.
A sala VIP, verdadeiramente VIP,
no Aeroporto de Guarulhos.



ABRA
SUA CONTA
PELO APP.

180
ANOS



Safra

